

Jair vira réu por tentativa de golpe

Plano de Bolsonaro

era afundar país em

um banho de sangue



“Os israelenses podem querer democracia em Israel enquanto ignoram genocídio na Faixa de Gaza?”

“Até os israelenses que se opõem à guerra têm receio de admitir que os de Gaza são seres humanos”, condena a articulista árabe-israelense Hanin Majadli, em coluna publicada no jornal Haaretz. Sua matéria e a de uma colega, Sheren Faah Saab, que também publicamos aqui, integram, uma à outra, e juntas demonstram que há uma luta em curso, no interior de Israel contra a destruidora alienação dos israelenses, em sua maioria, cegos diante do mais brutal extermínio e coniventes com ele. “Israel cometeu recentemente um dos maiores massacres de crianças em sua história. Duzentas crianças e 100 mulheres foram mortas em um dia”, denuncia Hanin. **Pág. 6**

HORA DO POVO

ANO XXXV - Nº 3.993 26 de Março a 1º de Abril de 2025

★ ★ ★ ★ ★

1 REAL BRASIL

Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Trama previa assassinar Lula, Alckmin e Moraes para implantar ditadura

STF, por unanimidade, aceitou na quarta-feira (26) a denúncia contra Jair Bolsonaro por tentativa de golpe. Ele passou quatro anos destruindo a economia do país. Ao final, rejeitado nas urnas, armou um golpe de Estado para completar a destruição.

Já havia transformado os trabalhadores em semiescravos, sem direitos e salário congelado, ajudou a disseminar o vírus na pandemia matando centenas de milhares, cortou verbas de merendas e remédios, vendeu a Eletrobrás, esquartejou a Petrobrás para entregá-la aos pedaços. **Pág. 3**

Juro “contratado” e o “cavalo de pau” de Fernando Haddad



Ao centro, o diretor de “Sem Chão”, Hamdan Ballal, ao receber o Oscar de melhor documentário há 23 dias

Vencedor do Oscar é torturado dentro de base militar de Israel

O diretor do filme “Sem Chão”, Hamdan Ballal, só foi solto no início da manhã de terça-feira (25), após repercussão mundial contra seu linchamento por colonos judeus, seguido de

sequestro e tortura por militares israelenses. Hamdan, vencedor do Oscar de melhor documentário, foi algemado e vendido por toda a noite, enquanto soldados o espancavam no chão, denunciou a

sua advogada, Leah Tsemel. A agressão a Hamdan Ballal começou por soldados e colonos judeus na porta de sua casa depois de ter feito duas tomadas para documentar um ataque de colonos a sua

aldeia, Susya. Ele contou que foi esmurrado no rosto, “caí e fui chutado”. Acrescentou que foi espancado na barriga, costas e cabeça e que achou “que a intenção deles era de me matar”. **Página 6**

O ministro justificou altos juros do BC e afirmou que “talvez não precise de recessão para colocar a inflação dentro da meta”. A decisão do Copom de elevar a Selic de novo em um ponto percentual, para 14,25%, igualando-a ao nível atingido no auge da crise de 2016 é recessiva. O BC justificou a decisão alegando em seu comunicado que os brasileiros estariam consumindo em excesso e que o desemprego estaria em baixa. O objetivo, segundo a diretoria do BC, é “esfriar” a economia – leia-se, fechar empresas, reduzir salários e aumentar o desemprego. **Página 2**

Alckmin: “elevar juro só prejudica a economia, e não faz chover”

O vice-presidente da República, Geraldo Alckmin (PSB), voltou a criticar a alta da taxa básica de juros do Brasil (Selic) pelo Banco Central (BC). “É claro que uma taxa de juros elevada atrapalha a economia”, afirmou Alckmin. “Uma alteração climática muito grande vai subir o preço do alimento e não adianta aumentar os juros”, ressalta o vice-presidente. **Página 2**

A inflação pesa mais no bolso dos mais pobres, diz pesquisa IPEA

Dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada mostram que, em fevereiro deste ano, a inflação – medida pelo IPCA – segue com o pé no acelerador para todas as faixas de renda, em comparação com o mês anterior. O que se sobressai nos dados é o efeito desigual da inflação, impactando especialmente as faixas de renda mais baixas. **Página 2**

Aumentar juro não faz chover e só prejudica a economia, diz Alckmin

Financismo segue no comando

“A meta de zerar o déficit primário e a tentativa de obter até mesmo saldo positivo nas contas públicas compromete qualquer projeto de mudar a qualidade do processo de crescimento da economia”

PAULO KLIASS*

As notícias divulgadas ao longo do mês de março a respeito da política econômica do terceiro mandato do Presidente Lula infelizmente confirmam uma tendência que já vinha se manifestando antes mesmo da posse em 01 de janeiro de 2023. Caminhando na direção contrária das expectativas geradas pela importante vitória em outubro de 2022 na disputa eleitoral contra Jair Bolsonaro, a delegação conferida a Fernando Haddad para conduzir a economia tem se revelado um desastre.

O Ministro da Fazenda parece ter incorporado o espírito do bom mocismo desde o início de sua missão, sempre em articulação com os interesses da FEBRABAN e das instituições do sistema financeiro. Assim foi com a sugestão de que não fosse simplesmente revogado o teto de gastos, que havia sido introduzido por Michel Temer lá atrás em 2106. Haddad propôs a Lula que a emenda constitucional da austeridade absoluta só tivesse sua vigência interrompida quando o Congresso Nacional aprovasse uma lei complementar tratando do Novo Arcabouço Fiscal. E aí estamos sofrendo com as amarras da Lei Complementar nº 200/2023.

Além disso, Haddad conseguiu transformar sua obsessão com a redução das despesas orçamentárias em estratégia central do governo, colocando obstáculos para a retomada de políticas públicas nos níveis necessários para a maioria da população e impedindo a construção de um programa de desenvolvimento social, econômico e ambiental para o País. A meta de zerar o déficit primário e a tentativa de obter até mesmo saldo positivo nas contas públicas compromete qualquer projeto de mudar a qualidade do processo de crescimento da economia.

No que se refere à política monetária, a segunda reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) sob a presidência de Gabriel Galípolo sacramentou um novo aumento de 1% na SELIC. Sob a desculpa de ser obrigado a obedecer a “guidance” recomendada por Roberto Campos Neto em sua despedida do cargo, a nova direção do Banco Central (BC) nada mais faz do que dar continuidade ao arrocho da gestão anterior. O ex-Secretário Executivo de Haddad no comando do BC mantém o ritmo de elevação da taxa oficial de juros. Com a elevação para 14,25%, o país segue oferecendo aos operadores do financismo global uma das maiores rentabilidades reais no planeta.

JUROS NA ESTRATOSFERA!

A decisão do COPOM nada mais significa do que referendar os desejos da elite do sistema financeiro, que se manifesta semanalmente por meio da pesquisa Focus realizada pelo próprio BC. A enquete é realizada junto a pouco mais de uma centena de dirigentes de instituições do universo das finanças e funciona como uma espécie de profecia autorrealizada. O COPOM sempre justifica suas decisões de promover elevações descabidas na SELIC com base na necessidade de atender às expectativas do chamado “mercado”. Ocorre que tais informações são obtidas neste seleto grupo de empresários, cujo perfil pertence exclusivamente ao universo do parasitismo rentista.

Outra informação divulgada pelo BC refere-se ao volume de despesas realizadas pelo governo com o pagamento de juros da dívida pública. Por se tratar de gasto financeiro, ele é classificado como “não primário”. Assim não existe limite, corte ou contingenciamento para tais despesas. Ao contrário do esforço fiscal para reduzir as rubricas orçamentárias que recebem o carimbo de primárias, o dispêndio com o pagamento de juros tem crescido de forma sistemática e em valores e percentagens muito acima das demais despesas.

Continua: <https://horadopovo.com.br/financismo-segue-no-comando-por-paulo-kliass/>

*Paulo Kliass é doutor em economia e membro da carreira de Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental do governo federal

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua Mazzini, 177
Cambuci - CEP: 01528-000
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@gmail.com
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:

Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br

Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br

Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br

Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br

Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovo@yahoo.com.br

Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823

Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br

Foto: Julio César Silva - MDIC



Geraldo Alckmin, vice-presidente da República e ministro do MDIC

O juro “contratado” e o “cavalo de pau” de Fernando Haddad

Ministro da Fazenda justificou alta dos juros do BC e afirmou que “talvez não precise de recessão para colocar a inflação dentro da meta”

O assunto que tomou conta do noticiário econômico do país nesta quarta e quinta-feira (19/20) foi a decisão do Conselho de Política Monetária do Banco Central (Copom) de elevar taxa de juros básica (Selic) em um ponto percentual, para 14,25%, igualando-a ao nível atingido no auge da crise de 2016.

O BC justificou a decisão alegando em seu comunicado que os brasileiros estariam consumindo em excesso e que o desemprego estaria em baixa.

A decisão de subir os juros teria, então, como objetivo, segundo a diretoria do BC, “esfriar” a economia – leia-se, fechar empresas, reduzir salários e aumentar o desemprego. Ou seja, os diretores do BC seguem considerando – equivocadamente – que a atual inflação é de demanda e recomendam juros altos para provocar uma recessão e assim trazer a inflação para a meta. Como disse o presidente da CNI, Ricardo Alban, os juros altos, ao contrário do que afirma o BC, “não controlam inflação e só prejudicam a economia”.

Sobre a recessão, o titular da Fazenda, ministro Fernando Haddad, afirmou, em entrevista na EBC, na quinta-feira (20), que talvez não precise tanto. “Não acredito que precisa de uma recessão para baixar a inflação”, disse ele. Mas justificou a alta dos juros dizendo que ela já estaria “contratada” desde o ano passado. “Penso que esse aumento estava contratado pela última reunião do Copom do ano passado. Ainda sob a presidência do antigo presidente do BC, nomeado pelo Bolsonaro”, argumentou Haddad.

Ele então advogou em defesa dos diretores que assumiram a direção do BC por

indicação sua ao presidente Lula e que decidiram aumentar pela terceira vez os juros. “Você não pode na presidência do BC dar um cavalo de pau depois que assumiu, é uma coisa muito delicada. O novo presidente e diretores têm uma herança a administrar, assim como eu tinha uma herança a administrar depois de Paulo Guedes”, acrescentou o ministro.

Não se sabe exatamente com quem Campos Neto teria “contratado” os três aumentos dos juros – certamente Campos Neto agia exclusivamente para os bancos -, mas o fato é que, se a promessa feita por ele lá atrás aos banqueiros é interpretada agora como um “contrato”, conforme disse Haddad em sua entrevista à EBC, como se explica que o novo presidente do BC, Gabriel Galípolo, não só tenha elevado os juros, como também prometeu um novo aumento da Selic para a próxima reunião do Copom. “Teria feito, então um novo ‘contrato’?”

O fato é que a falácia dos juros altos como instrumento de combate à atual inflação brasileira – que não é de demanda – segue na ordem do dia, como se vê nas teses da Fazenda. “Nós temos uma tarefa que é debelar o aumento dos preços que houve, isso tem que ser feito pelo executivo e pelo BC independente”, disse Haddad, após a alta do Copom. Ele alegou, também à Globonews, na mesma quinta-feira (20), que a economia estaria muito aquecida. “Recuperamos os salários e entramos em 2024 com a economia pressionada”, admitiu ele.

Ou seja, a partir dessa avaliação, de que a economia estava aquecida e ‘pressionada’, conclui-se que as decisões do BC são “técnicas” e

buscam realmente combater ‘desequilíbrios’. “Os técnicos do BC são qualificados, vão fazer e buscar o melhor pelo país. Mas têm um trabalho a fazer, o Executivo também tem trabalho a fazer, marco fiscal a cumprir”, destacou Haddad.

“Vamos esse ano cumprir os nossos compromissos de meta. E o BC tem a meta de inflação também, assim como eu tenho a meta fiscal a cumprir. São metas sempre exigentes, mas que temos de buscar”, prosseguiu o ministro.

Como se pode notar, não é só a política absurda de juro alto que está sendo justificada. Também a política fiscal restritiva parece “inexível” na atual gestão. Haddad se vangloriou na mesma entrevista à Globo, que o governo aprovou um ajuste fiscal relevante no fim de 2024 e está cumprindo o arcabouço fiscal e buscando cumprir a meta de resultado primário.

Ele mesmo disse que o mercado projetava e esperava um déficit de 0,8% do PIB nas contas públicas em 2024 e que ele teria conseguido reduzir o déficit para 0,1% do PIB. “Até o FMI reconheceu esses esforços”, comemorou Haddad na entrevista. Ou seja, ele festeja o “arrocho fiscal” e os juros “técnicos” do BC.

Haddad acrescentou que, “assim como eu tenho a meta fiscal para cumprir, que é aprovada pelo Congresso Nacional, o Banco Central tem a meta a cumprir, que é a meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional. São metas sempre exigentes, mas que nós temos que buscar”, disse ele. A meta de inflação – que agora é contínua – é de 3%. Uma meta considerada por diversos economistas como fora da realidade econômica brasileira.

SÉRGIO CRUZ

Inflação pesa mais no bolso das famílias de menor renda, diz Ipea

Dados divulgados pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostram que, em fevereiro deste ano, a inflação – medida pelo IPCA – segue com o pé no acelerador para todas as faixas de renda, comparativamente ao mês anterior. O que se sobressai nos dados é o efeito desigual da inflação, impactando especialmente as faixas de renda mais baixas.

Colocando em números, a inflação para a faixa de renda muito baixa variou de uma deflação de 0,17% em janeiro para uma inflação de 1,59% em fevereiro, enquanto para o setor de renda alta (última faixa da pesquisa) o indicador passou de 0,54% para 0,90%. Além disso, os mais pobres foram os mais impactados pela inflação (1,59%) e os mais ricos, os menos (0,90%).

Para os mais pobres quem puxou a inflação foi o reajuste de 16,8% das tarifas de energia elétrica, os aumentos dos preços do ovo (15,4%), do café (10,8%) e das passagens dos ônibus urbanos (3,0%) e dos

trens (3,5%).

Já para as classes média e alta, o reajuste de 5,7% das mensalidades escolares gerou pressões inflacionárias significativas. No topo, a classe alta foi beneficiada com a deflação de 20,5% das tarifas aéreas, amenizando a inflação.

O IPEA destaca que “na comparação com fevereiro de 2024, os dados indicam que, em fevereiro deste ano, a inflação acelerou para todas as faixas de renda, com um impacto mais significativo nas classes de rendas mais baixas” e aponta que “o desempenho menos favorável dos bens em 2025 também contribuiu para essa aceleração inflacionária, ainda que em menor grau”.

Os dados da inflação, mês após mês, refletem a realidade dos brasileiros e sua indignação cotidiana na frente das prateleiras dos supermercados. A alta dos preços dos alimentos vem comprometendo itens essenciais da cesta de consumo dos brasileiros, especialmente o café, a carne e o ovo. Neste começo de ano,

“Uma alteração climática muito grande vai subir o preço do alimento e não adianta aumentar os juros”, ressalta o vice-presidente da República, “Aumentar juros não vai baixar o barril do petróleo. Isso é guerra, é geopolítica”

O vice-presidente da República, Geraldo Alckmin (PSB), voltou a criticar nesta segunda-feira (24) a alta da taxa básica de juros do Brasil (Selic), atualmente aplicada em 14,25% pelo Banco Central (BC). “É claro que uma taxa de juros elevada atrapalha a economia”, afirmou Alckmin, ao participar, por videoconferência, do evento “Rumos 2025”, organizado pelo jornal Valor Econômico, em São Paulo.

Em suas declarações, Alckmin reforçou a necessidade do Banco Central (BC) excluir alimentos e energia de suas análises sobre inflação, argumentando que esses itens estão sujeitos a questões de clima e fatores externos, que não são controlados por políticas monetárias.

“Ele [Banco Central] tem que tirar o cálculo da inflação dos alimentos, porque o alimento é muito clima. Se eu tenho uma seca muito forte, uma alteração climática muito grande, vai subir o preço do alimento e não adianta aumentar os juros, que não vai fazer chover”, afirmou Alckmin. “Então eu só vou prejudicar a economia”, completou.

“Também tem que tirar a energia. O preço do barril de petróleo não adianta aumentar juros, que não vai baixar o barril do petróleo. Isso é guerra, é geopolítica”

Banco Central diz em ata que seguirá elevando a taxa Selic

Após elevar taxa a 14,25%, Copom confirma arrocho monetário “maior e por mais tempo”

O Banco Central (BC) divulgou nesta terça-feira (25) a ata da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) que elevou a taxa Selic em 1 ponto percentual para 14,25% ao ano. Na ata, o Comitê “anteve”, que vai aumentar novamente os juros em maio deste ano.

“A magnitude total do ciclo de aperto monetário será ditada pelo firme compromisso de convergência da inflação à meta”, diz o documento. “O cenário de convergência da inflação à meta torna-se mais desafiador com expectativas desancoradas para prazos mais longos e exige uma restrição monetária maior e por mais tempo do que outrora seria apropriado”.

O BC continua alegando que usa o aumento dos juros como instrumento de controle da inflação do Brasil. Uma prática ineficaz para conter a atual onda inflacionária que está sendo alavancada por fatores de adversidade climática e pressões externas, caso da alta de preços de commodities de alimentos e energia, como destacou o vice-presidente da República, Geraldo Alckmin.

“Se eu tenho uma seca muito forte, uma alteração climática muito grande, vai subir o preço de alimento e não adianta aumentar os juros, que não vai fazer chover”, disse Alckmin nesta segunda-feira (24). “O preço do barril de petróleo não adianta aumentar juros, que não vai

ca”, ressaltou Alckmin, que também é ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços.

Além disso, o vice-presidente chamou a atenção para os impactos fiscais gerados pela elevação da Selic. Ele explicou que cada aumento de 1 ponto percentual acrescido na taxa básica de juros resulta em um custo adicional de R\$ 48 bilhões no pagamento da dívida pública brasileira.

Conforme dados atualizados pelo próprio BC, no acumulado de 12 meses até janeiro de 2025, o país gastou R\$ 910,9 bilhões com o pagamento dos juros da dívida pública, o que corresponde a 7,67% do Produto Interno Bruto (PIB). Esse montante contrasta financeiramente com os recursos disponíveis para investimentos públicos no país.

De acordo com o projeto de lei do Orçamento de 2025 (PLN 26/24), aprovado recentemente pelo Congresso Nacional e que deve ser sancionado nos próximos dias pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o governo central está autorizado a gastar apenas R\$ 89,4 bilhões em investimentos neste ano, ou seja, o custo anual com o serviço da dívida pública é quase 11 vezes maior que os recursos destinados ao desenvolvimento social e de infraestrutura do país.

Após elevar taxa a 14,25%, Copom confirma arrocho monetário “maior e por mais tempo”

baixar o barril do petróleo”, completou o vice-presidente, ao afirmar que a Selic elevada “atrapalha a economia”.

No entanto, o presidente do BC, Gabriel Galípolo, assim como seus antecessores, insiste na falácia de que é preciso colocar a economia em recessão para baixar a inflação.

“O Comitê segue avaliando que o cenário-base prospectivo envolve uma desaceleração da atividade econômica a qual é parte do processo de transmissão de política monetária”, afirma o BC na ata, citando a desaceleração do PIB (Produto Interno Bruto) do quarto trimestre do ano passado (0,2%) na comparação com o trimestre anterior (0,7%).

A desaceleração econômica no último trimestre do ano passado veio pela estagnação da indústria (0,3%) e serviços (0,1%), além da queda do consumo das famílias (1%)

Com o arrocho imposto ao país, o BC reclama que “ainda que dados recentes sugiram alguma moderação, o mercado de trabalho permanece aquecido”. Ou seja, o BC quer mais contenção da economia.

“O arrefecimento da demanda agregada é um elemento essencial do processo de reequilíbrio entre oferta e demanda da economia e convergência da inflação à meta”, prossegue o BC, teimando em considerar erradamente a atual inflação brasileira como sendo provocada por excesso de demanda.



Gabriel Galípolo, presidente do Banco Central

Foto: Julio César Silva - MDIC



Reprodução/Redes Sociais

O jovem Walid Khaled Abdallah Ahmed Brasileiro-palestino de 17 anos é morto em antro de tortura da ditadura de Israel

O jovem brasileiro-palestino Walid Khaled Abdallah, de 17 anos, morreu em uma prisão israelense denunciada por tortura contra os detentos. Walid estava preso desde setembro de 2024 por supostamente ter “agredido” soldados israelenses na Cisjordânia.

Segundo o jornal Folha de S.Paulo, o governo brasileiro questionou Israel sobre a causa da morte do jovem, que não foi divulgada até agora. A suspeita é de que houve negligência médica.

Walid Khaled Abdallah tem pai brasileiro e estava preso desde setembro. Inicialmente esteve detido em Huwwara, mas depois foi levado para Megiddo, prisão no norte de Israel que já foi denunciada por tortura.

Ele tinha contato limitado com seus familiares e advogados. Walid Khaled morreu em prisão preventiva, sem ter sido condenado.

A morte foi informada pelo governo de Israel à Comissão de Assuntos de Prisioneiros e Detentos Palestinos, da Autoridade Palestina. De acordo com o órgão, o jovem tinha sarna e desintéria amebiana.

O corpo de Walid Khaled Abdallah não foi entregue à família. O governo brasileiro está, através do corpo diplomático, tentando auxiliar a família para que possa receber o corpo.

O jornal israelense Haaretz já publicou denúncias, inclusive com vídeos, de torturas realizadas dentro da prisão de Megiddo. Gravações mostram os soldados israelenses mantendo os palestinos amarrados nos pés e nas mãos deitados no chão.

Federação Árabe Palestina do Brasil (Fepal) citou que local é “amplamente conhecido por empregar métodos de tortura horríveis, incluindo choques elétricos, espancamentos, privação de comida e até o uso de cachorros”.

Desde outubro de 2023, Israel já assassinou 50 mil palestinos na Faixa de Gaza e avançou na ocupação de territórios na Cisjordânia. Entre os mortos por Israel estão três crianças brasileiras, Ali Kamal Abdallah, de 15 anos, Myrna Raef Nasser, de 16 anos, e Fatima Abbas, de 14 meses, que foi morta no Líbano.

Bolsonaro tramava afundar o país em um banho de sangue



Sérgio Lima/AFP

Primeira Turma do STF viu indícios de crimes na denúncia da PGR e tornou réu o ex-Jair Bolsonaro é réu por tentativa de golpe, decide unânime o Supremo Tribunal Federal

A 1ª Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) aceitou na quarta-feira (26) a denúncia apresentada pela Procuradoria-Geral da República (PGR) contra Jair Bolsonaro e mais sete por tentativa de golpe de Estado.

Os ministros seguiram o voto do relator, ministro Alexandre de Moraes, da Petição (Pet) 12100 que trata do “Núcleo 1”, chamado pela PGR de “Núcleo Crucial”.

Para os ministros, a denúncia da PGR demonstrou graves práticas de crimes e indícios de autoria dos acusados. Os denunciados passarão a ser réus numa ação penal.

Esse é o primeiro grupo de denunciados.

Além de Bolsonaro, tornaram-se réus o ex-ministro da Defesa Walter Braga Neto, o ex-comandante da Marinha, almirante Almir Garnier Santos, o ex-diretor geral da ABIN, Alexandre Ramagem, o ex-ministro da Justiça Anderson Torres, o ex-ministro da Segurança Institucional da Presidência, general Augusto Heleno, o ex-ministro da Defesa Paulo Sérgio Nogueira e o ex-chefe da Adjúncia de Ordens da Presidência, Mauro Cid.

As provas apresentadas pela PGR comprovam que Bolsonaro chefou o plano golpista que previa a intervenção no Judiciário e o assassinato do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, de seu vice, Geraldo Alckmin, e do então presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Alexandre de Moraes. Ajudado por Braga Neto, foi montada até uma armadilha para sequestrar Moraes.

As provas mostram, também, que o “8 de janeiro” foi uma última tentativa de derrubar o presidente eleito e iniciar o golpe de Estado. As investigações mostram que o golpe não aconteceu porque os então comandantes do Exército, general Freire Gomes, e da Aeronáutica, tenente-brigadeiro do ar Carlos Almeida Baptista Júnior, opuseram-se a ele.

O ministro Alexandre de Moraes, o relator, afirmou que o plano golpista que previa a intervenção no Judiciário e o assassinato do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, de seu vice, Geraldo Alckmin, e do então presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Alexandre de Moraes. Ajudado por Braga Neto, foi montada até uma armadilha para sequestrar Moraes.

As provas mostram, também, que o “8 de janeiro” foi uma última tentativa de derrubar o presidente eleito e iniciar o golpe de Estado. As investigações mostram que o golpe não aconteceu porque os então comandantes do Exército, general Freire Gomes, e da Aeronáutica, tenente-brigadeiro do ar Carlos Almeida Baptista Júnior, opuseram-se a ele.

O ministro Alexandre de Moraes, o relator, afirmou que o plano golpista que previa a intervenção no Judiciário e o assassinato do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, de seu vice, Geraldo Alckmin, e do então presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Alexandre de Moraes. Ajudado por Braga Neto, foi montada até uma armadilha para sequestrar Moraes.

As provas mostram, também, que o “8 de janeiro” foi uma última tentativa de derrubar o presidente eleito e iniciar o golpe de Estado. As investigações mostram que o golpe não aconteceu porque os então comandantes do Exército, general Freire Gomes, e da Aeronáutica, tenente-brigadeiro do ar Carlos Almeida Baptista Júnior, opuseram-se a ele.

de 2023. As práticas da organização caracterizaram-se por uma série de atos dolosos ordenadas à abolição do Estado Democrático de Direito e à deposição do governo legitimamente eleito”,

Em seu voto para acatar a denúncia, Moraes afirmou que Bolsonaro liderou uma estrutura que usou mentiras sobre o sistema eleitoral para instigar o golpe e que seu grupo agiu de forma coordenada até janeiro de 2023, buscando abalar o Estado Democrático de Direito.

“Não houve um domingo no parque”, disse Moraes, exibindo vídeos da invasão aos Três Poderes no 8 de Janeiro.

Segundo Moraes, mesmo após a derrota nas urnas, o ex-presidente da República mandou que os militares publicassem notas técnicas para manter seus apoiadores nos quartéis. O ministro lembrou que o então presidente “manuseava e discutiu a minuta do golpe”.

“Até a máfia poupa familiares. A organização criminosa em questão não teve esse pudor”, disse Moraes.

O ministro Flávio Dino declarou em seu voto que “houve violência e poderio ter produzido danos de enorme proporção. A conduta é tentadora. Se fosse consumado, não teria juízes pra julgar”.

Por seu lado, a ministra Cármen Lúcia classificou os ataques à democracia como parte de uma engrenagem que se estruturou ao longo do tempo. Ela rejeitou as tentativas de minimizar o 8 de janeiro. “Não foi uma festinha de final de tarde, em que todo mundo resolveu comparecer e usar paus e pedras para arrebentar com tudo”, disse.

O ministro Luiz Fux também votou a favor do recebimento da denúncia, consolidando a maioria. Fux divergiu dos colegas quanto ao local de julgamento. Na sua ótica, a instância para análise da denúncia deveria ter sido feita pelo plenário do STF, e não pela Primeira Turma.

Fux ressaltou a importância da democracia e lembrou sua atuação como presidente do STF durante a pandemia. Mencionou que, mesmo em momentos de tensão, manifestações na Praça dos Três Poderes ocorreram sem incidentes, ao contrário do que se viu nos atos golpistas. “Não se pode, de forma alguma, dizer que não aconteceu nada”, afirmou o ministro.

Ele endossou o voto

de Alexandre de Moraes, dizendo que o relator deixou claro quem fez o quê. “O ministro Alexandre esclareceu quem fez o quê”, declarou.

O ministro avaliou que existe a possibilidade de que haja sobreposição entre os tipos penais (golpe de Estado e abolição violenta do Estado Democrático de Direito), mas que isso será analisado ao longo da instrução.

“É possível que haja o mesmo fato, coincidência de ambas as normas. Mas também é possível que, no curso da instrução, se chegue à conclusão de que há, na verdade, um conflito aparente”, avaliou.

Segundo Fux, atos preparatórios e tentativas são fases normais no caminho do crime, e que o julgamento aprofundado depende do recebimento da denúncia.

“Todo crime tem atos preparatórios. Todo crime tem tentativa. Está na lei. Então, tudo isso vai ser avaliado”.

O ministro Cristiano Zanin, como presidente da Turma, foi o último a votar na sessão desta quarta-feira (26) e também acompanhou os colegas. Ele votou para aceitar a denúncia da Procuradoria-Geral da República contra Jair Bolsonaro e sete comparsas por tentativa de golpe de Estado.

Zanin destacou que a denúncia da PGR não se baseia unicamente na delação de Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, mas sim em um conjunto amplo e consistente de provas.

“Longe de ser uma denúncia amparada exclusivamente em uma delação premiada, o que se tem aqui são diversos documentos, vídeos, materiais que dão amparo àquilo que foi apresentado pela acusação”.

O ministro também rebateu um dos principais argumentos das defesas, que tentaram desvincular seus clientes dos atos de 8 de janeiro, por eles não estarem fisicamente presentes naquele dia.

“Não adianta dizer que a pessoa não estava no dia 8 de janeiro se ela participou de uma série de atos que culminaram nos ataques às sedes dos Três Poderes.”

Agora os oito réus vão responder pelos crimes de:

Abolição violenta do Estado Democrático de Direito

Golpe de Estado

Organização criminosa

Dano qualificado ao patrimônio da União

Deterioração de patrimônio tombado

“Trama golpista previa o assassinato de Lula, Alckmin e Alexandre de Moraes para implantar uma ditadura contra a democracia, o país e os seus trabalhadores

Jair Bolsonaro passou quatro anos destruindo a economia do país. Ao final, rejeitado nas urnas, quis dar um golpe de Estado para completar a destruição. Já havia transformado os trabalhadores em semiescravos, sem direitos e com salário mínimo congelado, ajudou a disseminar o vírus na pandemia matando centenas de milhares de pessoas, cortou verbas de merendas e remédios, vendeu a Eletrobrás, jogando as tarifas nas alturas, e esquetejou a Petrobrás para entregá-la aos pedaços.

As provas em poder do Supremo Tribunal Federal comprovam que Bolsonaro chefava o plano golpista que previa a intervenção no Judiciário e o assassinato do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, de seu vice, Geraldo Alckmin, e do presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Alexandre de Moraes. Ajudado por Braga Neto, foi organizada até uma campanha para sequestrar Moraes. Era o primeiro passo para o assassinato das três autoridades que, segundo as provas, seria feito inclusive com envenenamento.

Toda essa trama que redundaria em mortes, fechamento de instituições e perseguições políticas está documentada detalhadamente nas conversas e mensagens telemáticas dos envolvidos, que foram resgatadas pelos peritos da Polícia Federal. Depoimentos reveladores feitos pelo ex-ajudante de ordem de Bolsonaro, tenente-coronel Mauro Cid, também constam do extenso relatório da Polícia Federal.

As provas mostram que o “8 de janeiro” foi uma última tentativa de derrubar o presidente eleito e iniciar o golpe de Estado. As investigações comprovaram que o crime não se efetivou porque o país resistiu e os comandantes do Exército e da Aeronáutica se opuseram a ele.

O julgamento que se inicia nesta terça-feira (25) é a firme resposta da sociedade brasileira a criminosos que se associaram num bando de fascistas sem escrúpulos para rasgar a Constituição, destruir a soberania do país, massacrar direitos sociais e trabalhistas, matar adversários políticos, vender o patrimônio nacional e se locupletar pessoalmente às custas do país.

Foi gravíssimo o que esses delinquentes fizeram. Tentaram envolver as Forças Armadas e insuflaram grupos fanáticos para um banho de sangue no país. Sua condenação é uma exigência do país e uma garantia de que episódios como este não se repetirão. Pelo menos fará com que os golpistas pensem duas vezes antes de tentar novamente contra a democracia.

As alegações das defesas dos criminosos, de que não houve o golpe e, portanto, não houve

“EUA defendem os seus interesses e nós não somos colônia de ninguém”, afirma Amorim

O ex-chanceler e hoje assessor especial de Lula, Celso Amorim, afirmou, em entrevista a Mônica Bergamo, da Folha de S. Paulo do último fim de semana, que o mundo está diante de uma das maiores transformações estruturais da história recente.

A constatação de Amorim diz respeito à chegada ao poder de Donald Trump nos Estados Unidos.

“A minha geração passou por duas transformações estruturais imensas. A primeira foi o fim da União Soviética. E agora temos outra enorme mudança, imensa, com os americanos renegando a ordem que eles mesmos criaram”, destacou Celso Amorim, destacando que os EUA “já não se consideram uma superpotência”.

“Desafiando a ordem mundial até então vigente e renegando a condição de superpotência, o atual presidente defende exclusivamente os interesses de seu país, ‘de forma deslavada’”, afirmou.

O assessor de Lula falou sobre as instituições multilaterais do pós-guerra, que Trump agora despreza. “Havia, de certa maneira, a aceitação de que os EUA eram a única potência remanescente. Mas eles procuravam, sempre que pos-

sível, conduzir [as políticas internacionais] pelo multilateralismo. Faziam isso pela ONU. Quando não dava certo, faziam pela Otan. Raramente agiam sozinhos nos grandes problemas internacionais. O Trump atual não quer saber [dessas estruturas multilaterais]. Ele não esconde o autointeresse”, aponta Amorim.

“É uma atitude de absoluta franqueza. Não há hipocrisia. Ele quer a Groenlândia não porque é bom para a paz, mas por causa do minério do país. Diz isso a propósito da Ucrânia também”, afirmou Amorim. Para ele, com a chegada de Trump à Casa Branca “acabou com certa hipocrisia do multilateralismo”.

O ex-chanceler admitiu que as relações do governo Lula com os integrantes do Partido Democrata eram mais próximas e intensas. Segundo Amorim, agora será diferente “porque os democratas eram mais educados. Muitos deles são nossos amigos, tiveram um papel importante aqui na transição [do governo Bolsonaro para o de Lula], a gente sabe disso”. “Agora, o nosso grande desafio é, nessa divisão do mundo, não ser colônia de ninguém”, acrescentou o embaixador.

O filho de Bolsonaro foi para Miami conspirar contra o Brasil. Aplaudiu as tarifas de Trump contra a economia brasileira e pediu mais sanções contra o país e o Judiciário brasileiro. Nunca se viu um brasileiro – se é que se pode dizer que Eduardo Bolsonaro seja brasileiro – conspirar abertamente contra o Brasil junto a um país estrangeiro. O julgamento dos golpistas, portanto, além de punir criminosos, é também um ato de defesa da soberania nacional.

O fracasso da manifestação em apoio aos golpistas, que Jair Bolsonaro convocou para a praia de Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro, no último domingo (16), é também uma prova de que o país não aceita a impunidade dos fascistas. O fiasco do ato comprova as pesquisas de opinião que mostram apoio majoritário da nação à prisão dos golpistas e invasores dos três Poderes em 8 de janeiro.

O país quer a prisão, tanto do chefe da trama, quanto de seus cúmplices. Não se pode afrontar a vontade da maioria dos brasileiros e planejar assassinatos de autoridades impunemente. É isto que está sendo julgado. Cadeia para Bolsonaro e demais golpistas!

SÉRGIO CRUZ

Governo brasileiro convoca embaixador de Israel para esclarecer morte de jovem

O Itamaraty convocou o embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zonshine, para cobrar explicações sobre a morte do brasileiro Walid Khaled Abdallah, de 17 anos, na prisão israelense de Megiddo.

Na última reunião, que ocorreu na segunda-feira (24), com o secretário de África e Oriente Médio, Carlos Duarte, Zonshine afirmou não ter informações sobre o que ocorreu com o jovem, que vivia na Cisjordânia.

O governo brasileiro considera que até o momento não houve uma resposta clara das autoridades israelenses sobre a morte do brasileiro na prisão. Um dia depois do encontro infrutífero com o embaixador israelense, o Itamaraty divulgou uma nota em que cobra que as investigações sejam realizadas de forma “célere e transparente”.

O jovem brasileiro morava na Cisjordânia e foi preso sem acusação pelo regime israelense em 30 de setembro de 2024 na região ocupada pelas forças de Israel. Ele foi levado para a prisão de Megiddo, em Israel, onde morreu. As circunstâncias em que ele foi assassinado ainda não foram esclarecidas.

Além da morte de Abdallah na prisão, outro assunto que está mobilizando o Itamaraty é a situação de outros onze brasileiros que estão presos. Eles também são residentes em território palestino, que estão encarcerados em campos de concen-

tração em Israel. Como nos campos nazistas, a maioria das pessoas não foi acusada formalmente ou julgadas, o que viola o Direito Internacional Humanitário e mostra o caráter fascista do regime israelense.

Esses presos políticos têm dupla nacionalidade, uma incluindo a brasileira. Porém, o governo israelense trata esses cidadãos como palestinos. Em uma forma de protesto pelos ataques da ditadura israelense a civis na Faixa de Gaza, o governo do presidente Lula não autorizou que o diplomata Gali Dagan assuma a embaixada em Brasília. O pedido de “agremiação” foi feito ao Brasil há cerca de dois meses.

Com a morte de Abdallah, não há perspectiva de quando Israel terá Dali Dagan como embaixador. Ele era embaixador de Israel na Colômbia até meados de 2024. Deixou o país após o presidente colombiano Gustavo Petro também criticar o regime de Netanyahu. O governo israelense rompeu relações com a Colômbia.

Em fevereiro do ano passado, o presidente Lula comparou as mortes de palestinos na Faixa de Gaza a extermínio de judeus na Segunda Guerra Mundial. O regime de Israel desrespeitou na ocasião o embaixador do Brasil em Tel Aviv, Frederico Meyer. Além de repreender publicamente o embaixador brasileiro em um local público, o governo de Israel declarou Lula persona non grata.

MP-SP investiga desmonte do Poupatempo por Tarcísio

Segundo denúncia, governo de São Paulo está destruindo o órgão público para justificar privatização

O Ministério Público de São Paulo abriu um inquérito civil para investigar suspeitas de que a gestão do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) estaria promovendo um desmonte do programa Poupatempo como justificativa para sua privatização. A investigação foi instaurada na quarta-feira (19) e busca esclarecer possíveis irregularidades no processo.

A Prodesp (Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo), que administra o Poupatempo desde sua criação há quase 30 anos, lançou, em 9 de dezembro de 2024, a segunda versão de um chamamento público para selecionar um grupo empresarial para gerir o serviço. O contrato previsto ultrapassa R\$ 3 bilhões. A promotora do Patrimônio Público, Karyna Mori, destacou que a Prodesp transformou o programa em “dos mais eficientes e resolutivos serviços públicos, senão o melhor, e uma referência de boas práticas administrativas e de gestão”. No entanto, segundo o Ministério Público, esse legado pode estar sob “sério risco” em um processo que pode causar “grave dano moral à população paulista”. O governo estadual tem um prazo de 20 dias úteis para se manifestar sobre as acusações.

A administração estadual nega qualquer desmonte do Poupatempo e afirma ter inaugurado 36 novas unidades, totalizando 245 postos no estado. A Prodesp, por sua vez, declarou que o chamamento público foi validado pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE), garantindo “transparência e ampla concorrência”.

Entre os pontos investigados pela Promotoria, há indícios de que o edital permite a exploração comercial de dados dos usuários e apresenta exigências que poderiam dificultar a ampla concorrência, levantando suspeitas de direcionamento da licitação.

A investigação teve início após representação feita pelo procurador aposentado Fernando Capez e pelo advogado Guilherme Farid, ambos ex-diretores do Procon-SP na gestão do ex-governador Rodrigo Garcia (PSDB). Segundo Farid, funcionários da Prodesp se procuraram para denunciar que “alguns servidores do Poupatempo relataram que coisas estranhas estavam acontecendo, um desmonte com a intenção de privatizar o Poupatempo”. Diante desses relatos, iniciaram conversas com trabalhadores do programa e da Prodesp.

Um dos aspectos que mais chamaram atenção da Promotoria foi a proposta de mudança do modelo de gestão do Poupatempo sem um estudo prévio que justificasse a privatização ou explicasse como seria sua nova estrutura. Atualmente, a operação do programa é dividida em oito lotes, com diferentes empresas prestando suporte às unidades, enquanto a administração geral cabe à Prodesp. O novo modelo prevê a redução para um único lote, com gestão compartilhada entre a Prodesp e uma empresa privada.

Anteriormente, a divisão por lotes permitia que 24 empresas participassem das licitações, enquanto no novo formato, apenas duas conseguiram se inscrever, mesmo após intervenção do TCE, que determinou que o governo aceitasse consórcios.

Capez e Farid também apontaram que o grupo gestor do Poupatempo foi esvaziado, com a retirada de 36 dos 80 funcionários de nível superior, incluindo 19 dos 20 cargos de confiança. Além disso, entre os 26 cargos de liderança – superintendente, gerentes e coordenadores –, 15 foram ocupados por pessoas de fora do programa, representando 60% das posições.

Outro fator preocupante é o desaparecimento de todo o histórico do programa que estava armazenado na intranet do órgão. Não se sabe se os dados foram apenas ocultados ou deletados permanentemente. A queixa menciona ainda que o setor de Ouvidoria, responsável por receber denúncias e monitorar possíveis irregularidades, teria sido esvaziado.

Além das preocupações com o impacto estrutural e administrativo do novo modelo, a investigação também levanta questões sobre o possível aumento de custos para a população. O documento cita a possibilidade de cobranças adicionais para a emissão de documentos como CNH e RG, caso o Poupatempo passe a ser operado por uma empresa privada.

A Promotoria também avalia que as exigências do edital podem restringir a concorrência, favorecendo um grupo específico. O documento menciona critérios como experiência na gestão de pelo menos 15 unidades de atendimento público presencial, administração de 300 colaboradores sob um único contrato e ter realizado reformas ou construções de ao menos 15 imóveis.



MP investiga exploração comercial de dados dos usuários por empresas



Número de panes nas linhas privatizadas é triplo das registradas na CPTM Campeã em número de panes, ViaMobilidade quer abocanhar mais linhas da CPTM na privatização

O governo de São Paulo divulgou nesta quarta-feira (26) que apenas duas empresas apresentaram propostas para o leilão das linhas 11-Coral, 12-Safira e 13-Jade da CPTM: a ViaMobilidade, do grupo CCR, e o Grupo Comporte Participações S.A. A disputa ocorrerá nesta sexta-feira (28) na B3, com a concessão de 25 anos e investimentos previstos de R\$ 14,3 bilhões.

A ViaMobilidade chega ao leilão com um histórico preocupante: suas linhas atuais (8-Diamante e 9-Esmeralda) tiveram o triplo de falhas em comparação com as administradas pela CPTM em 2023. Dados divulgados pelas operadoras mostram que, enquanto as linhas 7, 10, 11, 12 e 13 (CPTM) registraram ape-

nas cinco panes no ano, as linhas 8 e 9 (ViaMobilidade) somaram 16 ocorrências – sendo 12 apenas na linha 9-Esmeralda, a campeã de problemas.

Entre os incidentes nas linhas privatizadas estão falhas de sinalização, defeitos na rede aérea e no sistema elétrico. A linha 8-Diamante ainda registrou dois descarrilamentos em 2023 – um em janeiro, próximo à estação Júlio Prestes, e outro em março, perto da Lapa. Ninguém se feriu gravemente, mas uma passageira passou mal e precisou de atendimento.

Em contraste, a linha 13-Jade (CPTM) não teve nenhuma pane no período, mesmo sendo uma das mais novas, inaugurada em 2018. A linha, que liga o Aeroporto de Guarulhos ao

sistema metropolitano, é citada pelo governo Tarcísio como exemplo de eficiência estatal, mas mesmo assim está na lista da privatização.

O leilão será decidido pelo maior desconto oferecido sobre o valor máximo de contraprestação que o Estado pagará ao vencedor até R\$ 1,49 bilhão ao ano, além de um “aporte” de R\$ 10 bilhões para realizar “melhorias” nas linhas.

A privatização, no entanto, enfrenta resistência. Nesta semana, trabalhadores da CPTM ameaçaram greve, mas o movimento foi suspenso após acordo no TRT-2. O Sindicato dos Ferroviários argumenta que a concessão à iniciativa privada pode piorar as condições de trabalho e a qualidade do serviço.



Fuad se afastou em 3 de janeiro por problemas de saúde Prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman, falece aos 77 anos

O prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman (PSD), faleceu aos 77 anos na manhã desta quarta-feira (26/3). Ele estava internado no Hospital Mater Dei, em estado grave, após sofrer uma parada cardiorrespiratória. A Prefeitura de Belo Horizonte divulgou uma nota oficial confirmando a notícia: “É com profundo pesar que a Prefeitura de Belo Horizonte informa o falecimento do prefeito Fuad Noman, ocorrido nesta data”.

Desde as primeiras horas do dia, familiares, amigos e apoiadores começaram a chegar ao Hospital Mater Dei, localizado no bairro Santo Agostinho, onde Fuad estava internado desde o ano passado. O prefeito havia se afastado do cargo em 3 de janeiro para tratar problemas de saúde, inicialmente relacionados a um quadro de insuficiência respiratória aguda. Sua licença médica foi prorrogada seis vezes consecutivas devido a uma série de complicações, incluindo dores nas pernas, sinusite, pneumonia, diarreia e desidratação. Durante o tratamento, precisou ser entubado em duas ocasiões e passou por uma traqueostomia.

Diagnosticado com linfoma não Hodgkin, Fuad chegou a anunciar a remissão da doença pouco antes do primeiro turno das eleições municipais de 2024. No entanto, complicações decorrentes do tratamento afetaram sua saúde nos últimos meses. Ele deixa a esposa, Mônica Drummond, dois filhos e quatro netos.

Fuad Noman ganhou destaque a partir de 2022, quando assumiu a prefeitura de Belo Horizonte

após a saída de Alexandre Kalil, que deixou o cargo para concorrer ao governo de Minas Gerais. Inicialmente vice-prefeito, Fuad tornou-se o chefe do Executivo Municipal e, no ano seguinte, disputou sua primeira eleição como candidato principal. Ao lado de Alvaro Damiano (União Brasil), terminou o primeiro turno na segunda posição, atrás de Bruno Engler (PL), mas conseguiu reverter a vantagem do adversário no segundo turno e foi eleito prefeito.

Desde o afastamento de Fuad, Alvaro Damiano está à frente da administração municipal como vice-prefeito. Agora, ele precisará ser diplomado pela Câmara Municipal de Belo Horizonte para assumir o cargo de forma definitiva. Não há um prazo legal estabelecido para que a cerimônia ocorra.

Esta foi a quarta internação de Fuad desde 23 de novembro do ano passado. Ele precisou ser hospitalizado em diferentes ocasiões para tratar complicações como neuropatia periférica, sinusite, pneumonia, diarreia e sangramento intestinal.

Fuad Noman era bacharel em Ciências Econômicas pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (Ceub) e pós-graduado em programação econômica e execução orçamentária. Funcionário de carreira do Banco Central e do Banco do Brasil, ingressou na vida pública como secretário-executivo da Casa Civil na gestão de Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Também atuou como consultor do Fundo Monetário Internacional (FMI) no governo de Cabo Verde.

Brasil sofre a sua maior goleada em Eliminatórias da Copa para a Argentina

Na última terça-feira (25), faltando pouco mais de um ano para o início da próxima edição da Copa do Mundo, a seleção brasileira jogou muito mal e foi humilhada diante da Argentina, no estádio Monumental de Nuñez, em Buenos Aires, e foi goleada por 4 a 1 pela 14ª rodada das Eliminatórias Sul-Americanas.

Com o revés na partida, o Brasil desceu para o 4º lugar da classificação com 21 pontos e ainda não confirmou a participação no próximo Mundial. Já a Argentina, que já entrou em campo classificada para a Copa após o empate sem gols entre Bolívia e Equador, permanece na ponta da classificação, agora com 31 pontos.

A derrota histórica para a Argentina colocou o futuro da seleção brasileira em xeque. A permanência de Dorival Junior à frente do grupo é alvo de críticas da torcida e dos jornalistas esportivos.

O zagueiro Marquinhos analisou a partida e comentou pontos que o Brasil pode evoluir.

“Depois do jogo é até difícil falar. É uma derrota que dói muito, principalmente em um clássico como esse dentro da casa deles. Começamos o jogo muito abaixo daquilo que a gente pode fazer e eles vem numa rotação de confiança, souberam jogar de uma maneira muito inteligente. Sabemos que o torcedor está triste com essa derrota, mas vamos levantar a cabeça trabalhando. Com a força do nosso grupo, com o nosso trabalho, a gente vai sobressair nesse momento difícil”, disse.

“No futebol não existe uma fórmula secreta em que você vai fazer uma escolha



Seleção brasileira fez uma de suas piores partidas dos últimos anos

e vai dar certo. São momentos, momentos dos jogadores e momentos do treinador também. Daqui pra frente a gente tem que fazer muito melhor pra sair dessa situação. Agora temos que ter humildade pra saber que não estamos no nosso melhor e é com tranquilidade que a gente vai conseguir tirar nossas cartas da manga. Cada um chamar sua responsabilidade para si, saber o que pode fazer melhor e sair dessa situação juntos”, afirmou.

Questionado sobre o futuro do trabalho de Dorival, o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, disse que “até então” a CBF respaldava a comissão técnica, isentando-se de responsabilidade na fase ruim dentro de campo, com declaração similar à que deu em outras oportunidades.



Presidente Lula, João Campos e Camilo Santana na assinatura

Governo Federal e Prefeitura do Recife firmam acordo histórico de R\$ 900 milhões destinados para a educação

O Governo Federal oficializou um acordo com a Prefeitura do Recife para repassar R\$ 900,4 milhões à educação da capital pernambucana. O investimento visa impulsionar o ensino público, garantindo avanços na infraestrutura e na qualidade da educação municipal.

“Se não tiver investimento na educação, a gente não dá o salto de qualidade que o Brasil precisa dar no século 21. Porque somente assim a gente vai sonhar com a educação como ponto de partida para a gente dar um salto de qualidade no Brasil”, enfatizou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante a cerimônia no Palácio do Planalto.

O prefeito do Recife, João Campos, celebrou o investimento histórico, destacando a ampliação da educação integral e inclusiva. “Esse é o maior acordo da história da cidade do Recife. São 7 mil crianças que vão passar a ter educação integral, cinco refeições por dia e o direito à educação. A gente vai expandir a educação integral e a educação especial inclusiva do nosso município”, afirmou o gestor.

O acordo põe fim a uma longa disputa judicial envolvendo verbas do antigo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef). Os ministros Jorge Messias, da Advocacia-Geral da União (AGU), e Camilo Santana, da Educação, participaram da assinatura do termo, destacando o impacto positivo da medida para o município.

“Quero agradecer a sensibilidade do presidente Lula, que, ao saber da possibilidade de um acordo tão significativo e com um impacto tão expressivo para a educação do Recife, assegurou todas as condições necessárias para que esse passo de hoje pudesse ser viabilizado. E também destacar, aqui, o papel do ministro Jorge Messias (AGU), e também do Ministro Camilo Santana, que tanto trabalharam para que esse momento ocorresse com celeridade para nos ajudar a seguir transformando a nossa cidade”, ressaltou João Campos.

Segundo o prefeito, “esse recurso será um divisor de águas para a educação pública do Recife. Vamos acelerar a abertura de novas vagas em creches, fortalecer a educação integral e inclusiva, melhorar infraestrutura das escolas e garantir o pagamento de aproximadamente seis mil professores que atuaram nesse período”.



Casa NuBank, dentro do Ibirapuera, cobra R\$150 dos usuários do parque

Preços no Parque do Ibirapuera parecem até os de aeroporto

Desde que a administração do Parque do Ibirapuera foi concedida à iniciativa privada, em 2019, os frequentadores têm se deparado com preços que mais parecem os de aeroportos ou shoppings de luxo. Uma tigela de açaí por R\$ 43, uma tapioca com manteiga por R\$ 28, um espaguete individual por R\$ 105 e até um simples café expresso R\$ 12, são alguns dos valores que causam espanto nos visitantes. O litro da água de coco, que chega a custar R\$ 27, virou símbolo da disparada nos preços no local, que completa 70 anos como um dos principais cartões-postais de São Paulo.

A privatização do Ibirapuera foi concluída durante a gestão de Bruno Covas (PSDB), após negociações iniciadas por João Dória. O parque, junto a outros cinco da capital, foi entregue à Urbia, braço da construtora Construcap, em um contrato de 35 anos. A empresa prometeu investir R\$ 105 milhões nos seis parques, mas diz ter aplicado R\$ 226 milhões só no Ibirapuera.

Apesar dos altos investimentos declarados, as melhorias visíveis no parque até agora se resumem à modernização de banheiros e à reforma de dois restaurantes. Enquanto isso, os preços dos alimentos e bebidas dispararam, tornando o passeio no Ibirapuera um luxo para muitas famílias.

Uma família de cinco pessoas que decida tomar uma água de coco e um picolé cada pode gastar facilmente R\$ 115. Se resolverem comer um simples misto – quente em uma das lanchonetes, a conta pode ultrapassar R\$ 160.

O empresário Elaldo Barbosa Miguel, 47, critica os valores: “Está irreal. O parque recebe pessoas de todas as classes sociais, mas quem vem de regiões periféricas não consegue acompanhar esses preços”, diz. “Acabei de comprar duas águas de coco e gastei R\$ 26. É absurdo”.

Metalúrgicos de SP debatem políticas de reindustrialização em encontro com Alckmin

Na última sexta-feira (21), o vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, falou sobre os investimentos na indústria nacional durante evento no Palácio do Trabalhador, sede da Força Sindical e do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes.

Alckmin fez uma palestra sobre o programa Nova Indústria Brasil (NIB), destacando-o como uma política pública moderna, “que redefine escolhas para o desenvolvimento sustentável, com mais investimento, produtividade, exportação, inovação e empregos, por meio da reindustrialização”, disse.

O programa tem como objetivo impulsionar a indústria nacional até 2033 por meio de políticas como subsídios, empréstimos com juros reduzidos e ampliação de investimentos federais. O programa também usa incentivos tributários e fundos especiais para estimular alguns setores da economia. Entre os setores que receberão atenção, estão a agroindústria, a saúde, a infraestrutura urbana, a tecnologia da informação, a bioeconomia e a defesa.

“A indústria brasileira precisa de instrumentos modernos e semelhantes aos que promovem a indústria nas nações líderes. É preciso recolocar a indústria no centro da estratégia de desenvolvimento, para que possamos retomar índices de crescimento maiores e poder ofertar um caminho consistente e alinhado com o que os países desenvolvidos fazem”, completou o vice-presidente.

Já o presidente da Força Sindical, Miguel Torres, ressaltou a importância da nova indústria, e os investimentos, na geração de empregos no Brasil. “Precisamos de juros baixos e mais investimentos na produção”.

Segundo ele, a indústria brasileira precisa de mais investimentos e mais fomento. “É importante a luta contra a desindustrialização”, diz Miguel Torres, que também ressaltou a importância do Projeto de Lei que isenta o IR de quem ganha até 5 mil reais. “Defendemos também uma tabela progressiva do IR”, ressaltou.

HISTÓRIA DOS METALÚRGICOS

O Sindicato dos Metalúrgicos também realizou o lançamento do livro “A História dos Metalúrgicos de São Paulo”, escrito pela jornalista Carolina Maria Ruy, coordenadora do Centro de Memória Sindical.

O evento cultural foi realizado no andar térreo do Palácio do Trabalhador, com a presença de sindicalistas, dirigentes políticos e de movimentos sociais, e contou ainda com apresentação da Banda Corporação Musical Operária da Lapa.

Funcionários da CPTM repudiam privatização em protesto na B3



Protesto repudiou leilão das três linhas da CPTM que vão a leilão na sexta-feira



Professores em assembleia na Praça da República aprovaram a greve

Assembleia dos professores estaduais de SP aprova greve em defesa de aumento salarial

Os professores da rede estadual de São Paulo decidiram, em assembleia realizada na quinta-feira (21), entrar em greve a partir de abril. A paralisação foi aprovada pela categoria após meses de negociações infrutíferas com o governo do estado sobre reajustes salariais, melhores condições de trabalho e o cumprimento de acordos anteriores.

A decisão foi tomada em assembleia na Praça da República, no centro da capital, convocada pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeesp). Na mesma data da paralisação, a categoria realizará uma nova reunião para decidir sobre uma possível greve por tempo indeterminado.

A greve foi aprovada por ampla maioria durante a assembleia organizada pelos sindicatos representativos da categoria. Segundo a Apeesp, cerca de 5 mil profissionais da educação

participaram do ato. Entre as principais reivindicações estão o reajuste salarial acima da inflação, a redução do número de alunos por sala de aula, a garantia de planos de carreira e o pagamento de horas extras e adicionais que estão em atraso.

A segunda presidente da Apeesp, deputada estadual Professora Bebel (PT), criticou a falta de diálogo e destacou problemas como salas superlotadas, fechamento de turmas e o não cumprimento do piso salarial.

“A realidade em sala de aula é insustentável. O governo desrespeita o piso salarial, fecha salas de aula, não contrata os professores que passaram no concurso e desperdiça recursos públicos com contratações temporárias. Nossos estudantes e professores sofrem com condições precárias e um ambiente de trabalho cada vez mais precário. O assédio moral também chegou ao limite do insuportável.

A professora Analu Ceruzzi, de Diadema, sofreu um infarto em plena atividade pedagógica, quando se queixava do excesso de cobranças e veio a falecer”, afirmou Bebel.

Os professores também destacam a precariedade das condições de trabalho nas escolas estaduais, com falta de infraestrutura adequada, materiais pedagógicos insuficientes e sobrecarga de atividades. “Não podemos mais aceitar promessas vazias. A educação precisa ser prioridade, e isso passa pela valorização dos profissionais que estão diariamente nas salas de aula”, afirmou uma professora durante a assembleia.

A decisão dos professores ocorre em um momento de crescente mobilização de categorias do serviço público em todo o país, que reivindicam melhores condições de trabalho e o reajuste de salários após anos de congelamentos e perdas inflacionárias.

Governo de Tarcísio de Freitas prepara leilão das linhas 11-Coral, 12-Safira e 13-Jade

Nesta terça-feira (25), os trabalhadores da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) protestaram em frente à B3, a Bolsa de Valores do Brasil, no centro de São Paulo, contra a privatização das linhas 11-Coral, 12-Safira e 13-Jade.

O cronograma das privatizações, realizadas pelo governo de Tarcísio de Freitas (Republicanos), prevê a entrega dos envelopes com as propostas das empresas concorrentes, nesta terça e a abertura dos documentos e o anúncio da empresa vencedora, na sexta-feira (28). Vence aquela que apresentar o maior deságio, ou seja, a diferença entre os valores de mercado e aquele pelo qual o bem é arrematado.

A mobilização foi um esquentado para a paralisação dos trabalhadores que começa à meia noite desta quarta-feira (26) nas linhas 7-Rubi, 10-Turquesa, 11-Coral, 12-Safira e 13-Jade. Até o momento, o movimento dos trabalhadores não informou um horário para a greve acabar e afirmou ainda que não aceitará demissões. Em caso de desligamentos, a paralisação continuará.

Segundo Fernando Ricardo Santos das Costa, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias da Zona Central do Brasil, o protesto foi convocado para “demonstrar indignação dos trabalhadores com o poder público”. “O governo do estado prefere enfiar mais dinheiro na mão da iniciativa privada, por exemplo, do que investir em uma empresa pública”, disse Costa em declaração ao portal Brasil de Fato.

“Hoje a CPTM, por exemplo, tem um intervalo médio de cinco minutos e meio entre um trem e outro, no horário de pico, sentido Calmon Viana ou Itaquaquecetuba. Quem vai para lá espera só cinco minutos e meio. Há 20 anos, eram 20 minutos de intervalo. Isso significa que, com investimento, a empresa pública conseguiu evoluir melhorando o serviço”, disse Fernando.

Em comparação com as linhas privatizadas, Costa afirma que nas linhas 8-Diamante e 9-Esmeralda, já privatizadas e operadas pela empresa ViaMobilidade, o tempo médio de espera é de 15 minutos. “Ou seja, a iniciativa privada assumiu uma linha que estava operando 6 minutos de intervalo e ela não conseguiu atender essa demanda”, continuou.

“Eles estão assumindo para ganhar dinheiro, única e exclusivamente, fazer lucro, e não para investir e melhorar o serviço. Então os ferroviários

ainda da CPTM são contra a privatização da empresa porque o serviço não vai melhorar. Ninguém está discutindo se é porque está dando dinheiro ou não. E porque não melhora”, concluiu o dirigente.

Além de representantes de trabalhadores da CPTM, estiveram presentes metroviários em apoio à manifestação. Narciso Soares, vice-presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo, classificou a privatização das linhas da CPTM como um “ataque do Tarcísio que pode afetar muito a população e trazer dinheiro para os grandes milionários deste país”, disse.

SUCATEAMENTO

“Inclusive, as estatais estão sendo pioradas para privatizar mais. Essa política, infelizmente também com o apoio do Lula pelo BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social], está financiando essas privatizações e está atacando a população. Então, todo o apoio à luta dos companheiros ferroviários. Vamos conversar com a população que tem que apoiar essa luta, porque essa luta é de toda a população contra esse desmonte, é da classe trabalhadora, contra esse trânsito milionário e quem governa para ela”, afirmou Soares.

No ano passado, o governador de São Paulo, Tarcísio, privatizou a construção do Trem Intercidades Eixo Norte (TIC), ligando São Paulo a Campinas, e a Linha 7-Rubi da CPTM. O governo paulista entrará no projeto do TIC com aporte de cerca de R\$ 9 bilhões, dos quais R\$ 6,4 bilhões serão financiados pelo BNDES. Isso porque o governo federal incluiu a obra no Novo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento).

A gestão de Tarcísio, que já privatizou a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), pretende agora efetivar uma concessão de 25 anos das linhas da CPTM para a iniciativa privada, com previsão de investimentos de R\$ 14,3 bilhões. A decisão dos trabalhadores é de manter a greve até que haja uma garantia por escrito do governador Tarcísio de cancelamento do leilão.

As linhas que a gestão Tarcísio pretende privatizar conectam o centro de São Paulo com a Zona Leste e cidades da região metropolitana, entre as quais Mogi das Cruzes, Suzano e Guarulhos. Cerca de 4,6 milhões de pessoas vivem nos territórios atendidos por estas linhas. De acordo com a Secretaria de Parcerias em Investimentos (SPI), três grupos demonstraram interesse no empreendimento.

Centrais: “Sai presidente, entra outro e juros continuam sangrando o país”

Após mais uma alta na taxa de juros definida pelo Banco Central nesta quarta-feira (19), a reação do movimento sindical foi imediata. “Sai presidente do BC, entra outro presidente, e os juros continuam galopantes”, afirmou o presidente da Força Sindical, Miguel Torres, logo depois da divulgação do aumento de 1% na taxa Selic, no início da noite.

O presidente da CTB, Adilson Araújo, afirmou que “a política de juros altos trava o desenvolvimento do país, inibe o consumo e penaliza milhões de trabalhadores, trabalhadoras e suas famílias, e segue, na contramão, com a maior taxa de juros do mundo”, enquanto “o Federal Reserve, o Banco Central dos Estados Unidos, mantém os juros estáveis entre 4,25% e 4,5%”.

Para a CUT, os juros altos “desestimulam o investimento produtivo e canalizam os capitais nacionais e estrangeiros para a especulação financeira, impactando negativamente a geração de emprego, trabalho decente, renda e poder de compra, em especial de alimentos”.

“Mais uma vez o Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central frustra os trabalhadores e se curva aos especuladores, aumentando 1 ponto percentual na taxa, já extorsiva, de 13,25%. Menos juros,

mais comida no prato do povo!”, exige o presidente da Força.

De acordo com Torres, o aumento dos juros para 14,25% “é uma verdadeira extorsão aos brasileiros e ao setor produtivo” e “compromete o desenvolvimento sustentável de setores estratégicos e restringe investimentos”. O sindicalista diz ainda que o aumento irá prejudicar as campanhas salariais deste semestre, “e irão, infelizmente, dificultar e encarecer a produção no Brasil”.

Miguel Torres lembrou a grande manifestação organizada pelas centrais sindicais na manhã de ontem (18), que reuniu centenas de pessoas em frente à sede do BC, na Avenida Paulista, reivindicando a queda dos juros e “visando sensibilizar a sociedade e os membros do governo para baixar a atual taxa”, mas que não surtiu efeito na direção do Banco Central.

Para ele, “a atual política econômica está destoando dos anseios da classe trabalhadora. Elevar os juros nesse momento traz mais incertezas. A decisão trará efeitos negativos sobre a criação de empregos e renda. Os juros continuam proibitivos e o Brasil perde outra chance de apostar na produção, no consumo, na geração de empregos, na educação e na saúde pública”.

Movimento Contra a Carestia entrega ao vice-presidente manifesto pela redução do preço dos alimentos

Dirigentes da Campanha contra a Carestia entregaram ao vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, nesta sexta-feira (21), o manifesto do movimento pela redução do preço dos alimentos.

O documento foi entregue por Lídia Correia, Antônio Pedro, o Tonhão, diretor da Federação de Associações Comunitárias de São Paulo (Facesp), e Romilda Correia, presidente da Associação de Mulheres da Bela Vista e dirigente da Federação das Mulheres Paulistas (FMP).

“A situação está grave e precisamos de medidas rápidas para quem tem fome”, afirmou Lídia. “Então, nós apresentamos ao vice-presidente as nossas propostas, a necessidade de investimento pesado em estoque reguladores, em medidas de controle de preço. Ele já nos recebeu em outros momentos e mostrou receptividade para essa pauta importante nesse momento”, destacou.

O documento, assinado por diversas entidades sociais, sindicais, de movimentos populares e de moradia, afirma que “o Brasil começou a ser reconstruído em 2023, mas a carestia permanece sendo um pesadelo. A alta dos preços tem ligação direta com o agronegócio, que privilegia muito mais a exportação à custa de um encarecimento absurdo dos alimentos,

combinado com o aumento exponencial da fome da população brasileira”.

“A justificativa para esse aumento de preços vai desde ‘a subida do dólar’, ‘a sazonalidade da produção’, ou ‘fatores climáticos’, mas, na verdade, acontece pelo total descontrole sobre a especulação financeira que tomou conta do setor agrícola no Brasil, associado às mais altas taxas de juros do mundo, mortais para os produtores. Em todo o mundo a soberania alimentar é tratada como assunto estratégico de Estado, assim como a defesa militar, segurança pública e proteção à infância”.

Entre as propostas apresentadas pelo movimento estão: investimento imediato de R\$ 2 bilhões de reais para a reconstrução dos estoques reguladores de alimentos que compõem a cesta básica ampliada; garantia de que parte da produção de alimentos no Brasil seja reservada ao mercado interno; reduzir imposto de importação para alimentos com preço externo menor que o interno; fim da isenção de impostos aos exportadores de alimentos; abertura, em caráter emergencial, de cerca de 2 mil armazéns de alimentos em todo o Brasil, com preços subsidiados, numa parceria do governo federal com prefeituras e governos estaduais.



Charge do Éton sobre o aumento dos juros e a política econômica do Brasil

Militares de Israel torturam diretor de 'Sem Chão', vencedor do Oscar



Jornalistas mortos, Mansur e Shabat
Jornalistas de Palestine Today e Al Jazeera são assassinados por tropas da ocupação de Israel

Em dois ataques separados, forças da ocupação israelense assassinaram dois jornalistas, o correspondente da Al Jazeera, Hossam Shabat (23 anos), e o repórter da TV Palestine Today (24 anos), Mohammad Mansur, no início desta semana. As recentes mortes, nesta segunda-feira, 24, trouxeram o número de jornalistas assassinados, desde outubro de 2023, a 208.

Mansur foi morto por um míssil atirado contra sua casa ao norte de Khan Yunes, na Faixa de Gaza e Shabat foi assassinado quando circulava pela rua Salah al-Din no norte da região.

O Comitê de Proteção aos Jornalistas (CIJ, com sede em Londres) denunciou que esse número de mortos faz do morticínio de trabalhadores de imprensa em Gaza o maior nos 30 anos nos quais a entidade vem coletando dados sobre morte de jornalistas em conflitos e guerras.

Ao exigir uma investigação sobre as mortes dos dois jovens jornalistas, o CIJ denunciou que “o ataque deliberado, para matar, de um jornalista, um trabalhador civil, é um crime de guerra”.

“Jornalistas e civis nunca podem ser alvo de armas em meio a conflitos”, acrescentou, disse Jodie Ginsberg, diretora executiva do CIJ.

No mesmo dia, os militares israelenses admitiram o ataque que matou o correspondente da Al Jazeera, com a falsa informação de haviam “eliminado um terrorista”.

Esse tipo de acusação contra ele e mais cinco de seus colegas levou Shabat a fazer uma denúncia pública dessa deslavada mentira já em outubro de 2024.

“A flagrante e beligerante tentativa de nos transformar, as últimas testemunhas no norte de Gaza, naquilo que não somos e em alvos para matar, está associada a outra tentativa, a de justificar, por antecipação, nosso assassinato”, escreveu o funcionário da Al Jazeera.

CONCLAMAÇÃO

O Sindicato dos Jornalistas Palestinos publicou que “condena com veemência o hediondo crime cometido pela ocupação israelense, que levou ao martírio de nossos colegas, jornalista Mohammad Mansour, correspondente da TV Palestine Today, e Hossam Shabat, correspondente da Al Jazeera, atingidos diretamente na Faixa de Gaza.

“Este crime horrível visa apagar a verdade e aterrorizar a todos que levam a mensagem em sua fala pela liberdade de expressão.

Crime que não é nem um incidente isolado ou uma exceção, é parte de política sistemática adotada pela ocupação para eliminar os jornalistas palestinos, que se tornaram alvo direto da máquina de morte israelense simplesmente porque estão cumprindo seu dever de reportar a verdade.

Desde o começo da agressão, 208 jornalistas, profissionais da imprensa, e trabalhadores da mídia têm sido assassinados por balas e mísseis naquilo que se constitui o maior massacre de jornalistas da história moderna – isto, em meio a um alarmante silêncio internacional e desgraçada cumplicidade com os crimes da ocupação.

O Sindicato dos Jornalistas Palestinos declara a ocupação israelense completamente responsável pelos crimes e afirma que tornar jornalistas alvos é um aberto crime de guerra que exige imediata ação da comunidade internacional para pôr um fim a estas violações, que se constitui em um flagrante assalto contra a liberdade de imprensa e os direitos humanos.

“O Sindicato conclama ONU, Corte Penal Internacional e organizações de direitos humanos e de imprensa em todo o mundo a se moverem além da mera condenação e tomar medidas sérias e imediatas para fazer com que Israel seja responsabilizado por seus crimes”.

Leia matéria na íntegra em:
www.horadopovo.com.br

China repele tarifaço de 25% de Trump sobre o petróleo da Venezuela e mantém transação

Pequim condena ‘jurisdição de braço longo’ dos EUA e adverte que tarifas só infligirão maiores perdas a empresas e consumidores dos EUA.

O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Guo Jiakun, afirmou que o país “se opõe firmemente ao abuso de longo prazo dos EUA de sanções unilaterais ilegais e da chamada jurisdição de braço longo, que interfere grosseiramente nos assuntos internos de outras nações”, em resposta ao anúncio, por Trump, de 25% de tarifa adicional sobre os países que não se submetem à sua proibição de importação de petróleo venezuelano.

Guo pediu que EUA cesse a interferência nos assuntos internos da Venezuela, revoguem as sanções unilaterais ilegais contra o país e adotem medidas que promovam “paz, estabilidade e desenvolvimento na Venezuela e em outros países”.

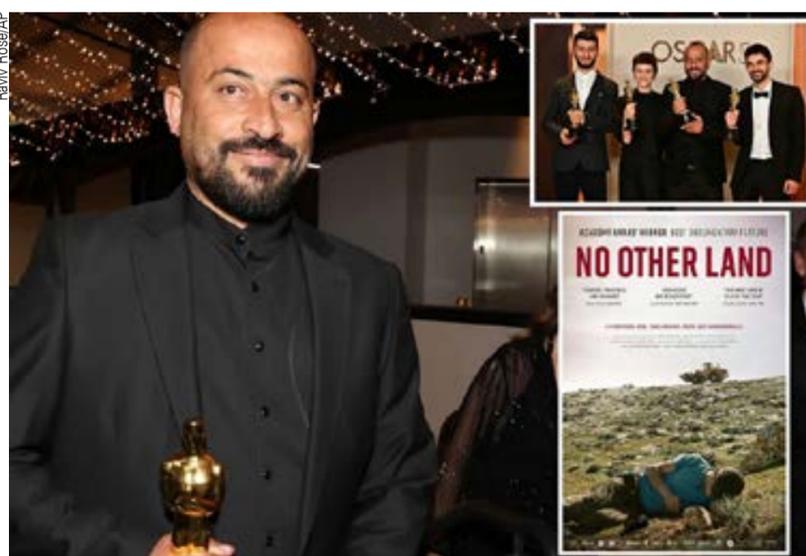
“Não há vencedor na guerra comercial ou na guerra tarifária, e tarifas adicionais só infligirão maiores perdas às empresas e consumidores dos EUA”, declarou Guo

durante coletiva de imprensa regular.

Trump disse em 24 de março que imporá tarifas de 25% a qualquer país que comprar petróleo da Venezuela, acusando o país sul-americano de ser hostil aos Estados Unidos e supostamente enviar criminosos intencionalmente para seu território.

“A Venezuela tem sido muito hostil aos Estados Unidos e às liberdades que defendemos. Portanto, qualquer país que compre petróleo e/ou gás da Venezuela será forçado a pagar uma tarifa de 25% aos Estados Unidos em qualquer comércio que fizer com nosso país”, escreveu o presidente em um post no Truth Social.

Na verdade, Trump requeitou a fake news do “Tren de Aragua”, uma suposta gangue venezuelana que em sua campanha ele asseverou que tinha tomado o controle de uma cidade do Colorado, para deportar ilegalmente mais de duas centenas de imigrantes ilegais para El Salvador, sobre os quais as únicas certezas que se tem são de que têm tatuagens e que foram deportados apesar de ordem judicial contrária.



Hamdan Ballal, diretor de 'Sem Chão', junto com demais diretores e cartaz do filme

“Israelenses se negam a ver os palestinos como seres humanos”, denuncia jornalista

“Até os israelenses que se opõem à guerra, têm receio de admitir que os de Gaza são seres humanos”, condena a articulista árabe-israelense Hanin Majadli, em coluna publicada no jornal Haaretz. Sua matéria e a de uma colega, Sheren Faah Saab, que também publicamos aqui, integram, uma à outra, e juntas demonstram que há uma luta em curso, no interior de Israel, contra a destruidora alienação dos israelenses ainda, em sua maioria, cegos diante do mais brutal extermínio e coniventes com ele

N.B.

“Israel cometeu recentemente um dos maiores massacres de crianças em sua história. Duzentas crianças e 100 mulheres foram mortas em um dia”, denuncia, logo no início de sua matéria publicada no dia 21 de março, a jornalista Hanin Majadli.

Mesmo a “maior parte do público israelense que se opõe à guerra, acha que ela coloca em risco as vidas dos reféns ou declara que o confronto começou por interesses políticos” de Netanyahu e seu grupo e só, observa Majadli.

“Retomar a guerra, de fato põe em risco os reféns mas, principalmente, vai matar massas de homens, mulheres e crianças palestinas. Em que ponto irão os israelenses anti-guer-



Palestino sentado sobre escombros de sua casa

ra dizer em voz alta o que deve ser dito?”

Os israelenses em geral estão sendo vistos como assassinos de crianças, destaca. “É possível mergulhar em maior baixa moral?”, questiona a jornalista.

Ela observa que a mídia predominante em Israel minimiza ou mente sobre esse massacre. “Agora mesmo”, diz ela, a principal TV, Canal 12, tratou os 400 mortos em um só golpe como ‘operativos’ [do Hamas]”.

O que ela lamenta é que continua sendo difícil distinguir aquilo que a mídia propala do que a maior parte do público pensa, mesmo entre os que se dizem em oposição a Netanyahu.

No seu artigo, ela reforça então que essa identidade entre mídia e público ocorre “porque mesmo aqueles que se opõem à guerra têm medo de dizer que os de Gaza são também huma-

nos. Porque é impossível separar o piloto da bomba. Dizem a ele para apertar o botão e ele o aperta”.

“A verdade é que a maioria do povo não apenas tolera este massacre em massa, mas o demanda, de forma explícita ou tácita”.

No dia a dia, uma das expressões mais usadas entre os israelenses, quando questionados sobre o genocídio de palestinos, é “Não há alternativa”.

Torna-se fácil para a imprensa israelense manipular os que a acessam, diz ainda Hanin Majadli, porque as concepções predominantes entre os israelenses “são fruto de uma doutrinação que começa no jardim de infância e continua até a morte. Uma doutrinação que prega ser necessária a destruição [da vida palestina] para garantir a existência do sionismo”.

Expulso dos EUA, embaixador sul-africano é aplaudido por multidão ao chegar a seu país

Uma multidão esperava o embaixador sul-africano expulso dos Estados Unidos, Ebrahim Rasool, no desembarque na cidade do Cabo, sua terra natal.

Ebrahim Rasool retornou à África do Sul neste domingo, 23, após expulso por tecer críticas a Trump. Ele disse que o governo do inquilino da Casa Branca e sua militância fascista decorrem de uma mentalidade “supremacista”. Foi também declarado “persona non grata” pelo governo americano. Ao descer do avião, Rasool disse que não tem arrependimentos.

“Não foi nossa escolha voltar para casa, mas voltamos para casa sem arrependimentos”, disse Rasool. Ele já havia servido como embaixador durante a presidência de Barack Obama e foi chamado de novo na presidência de Joe Biden e depois Trump.

Para os apoiadores que o receberam no aeroporto da Cidade do Cabo, Rasool discursou de um megafone. “Uma declaração de persona non grata destinada a me humilhar”, disse.



“Sem arrependimentos”, declara o embaixador

“Mas quando você volta para multidões como esta, e com um calor assim, isso faz com que eu use minha ‘persona non grata’ como um distintivo de dignidade”, prosseguiu

Rasool, disse que suas críticas eram para avisar à classe política e intelectual da África do Sul que os EUA estão passando por uma mudança de tradições e que será necessária uma nova forma de lidar com os americanos. “São os EUA diferentes e, portanto, nossa linguagem deve mudar.”

transacionalidade, mas também uma linguagem que pode penetrar em um grupo que identifico claramente uma comunidade branca marginal na África do Sul como seu eleitorado cercado por uma diáspora branca na Casa Branca.”

“É isso que estamos enfrentando... e, portanto, não há nada que eu diga lá que não diria em outro lugar, então eu manteria minha análise porque estávamos analisando um fenômeno político, não uma personalidade, não uma nação, então eu mantenho isso”, disse.

Diretor do filme “Sem Chão” só foi solto no início da manhã do dia seguinte a sua prisão, após repercussão mundial contra seu linchamento por colonos judeus

Hamdan Ballal, diretor do filme “Sem Chão”, premiado com o Oscar de melhor documentário, relatou que foi agredido por soldados e colonos judeus na porta de sua casa depois de ter feito duas tomadas para documentar um ataque de colonos a sua aldeia, Susya. Em declarações à rede Al Jazeera, assim que foi liberado na manhã desta terça-feira (25), contou que foi esmurrado no rosto, “caí e fui chutado”.

Acrescentou que foi espancado na barriga, costas e cabeça e que achou “que a intenção deles era de me matar”.

Segundo Hamdan, ele estava registrando um ataque a uma casa vizinha, onde também se encontrava a ativista israelense pró-palestinos, Anna Lipman, quando sentiu que “os colonos chegavam em maior número e se dirigiam para sua casa”.

O cineasta correu e entrou em casa, fechando portas e janelas para proteger sua família.

“Quando saí para pedir aos agressores que parassem, comecei a ser agredido”, disse ele.

PERSEGUIÇÃO

Nasser Nawaja, um pesquisador da organização com sede em Jerusalém, B’Tselem, especializada em registrar a violência contra palestinos na Cisjordânia, que estava no local e também filmou parte das ocorrências, relatou: “eu estive com o Ballal antes dele ser preso. No último mês têm havido ataques a sua aldeia quase todos os dias. Os colonos também nos pressionam para que saíamos de Susya”.

O ataque dos colonos começou na segunda-feira por volta das 7:30 da manhã, acrescentou Nasser. “Nós ligamos para a polícia que, ao chegar, disseram: ‘os colonos têm autorização para trazer animais para pastar aqui’, ao que respondi: ‘São nossas terras, são nossas casas’”.

Logo no início da agressão “eles atacaram casas de famílias locais e atiraram na direção de seu rebanho. Houve um outro ataque ao final da tarde da segunda-feira, testemunhou Anna Lipman, “quando nós vimos em socorro a Ballal”.

“Hamdan estava apenas de pé na entrada de sua casa e os colonos vieram em sua direção”, acrescentou Nasser.

“Eles destruíram tanques de água, e atiraram pedras em janelas”.

Carro atacado durante a agressão de colonos na aldeia de Ballal

Logo depois Hamdan chegou a ser levado para uma ambulância e estava sendo tratado quando soldados o tiraram de dentro dela.

A TORTURA

“Eu filmei”, conta Nasser, “eles o algemaram e vendaram seus olhos. O colocaram em um veículo militar e o sequestraram para local desconhecido”.

“Depois do ataque, Hamdan foi algemado e teve os olhos vendados durante toda a noite em uma base militar, enquanto dois soldados o espancavam, depois de atirá-lo ao solo”, disse a advogada Lea Tsemel, que falou com ele somente às 4:40 da manhã desta terça-feira, depois de procurar pelo seu paradeiro por 12 horas.

A advogada destacou

que o cineasta ficou por toda “a noite do lado de fora da base em uma época do ano na qual a temperatura é enregelante”.

Segundo Tsemel, ele foi levado da base militar para a estação de polícia de Kiriati Arba (um bairro de colonos judeus localizado dentro da cidade árabe de Hebron, provocando muitos atritos com os moradores locais).

COMO A KU KLUX KLAN

O diretor israelense do mesmo filme, Yuval Abraham, acompanhou as buscas por Hamdan junto com Lea Tsemel e foi divulgando as informações sobre a barbárie com seu colega em sua conta no X. Ele disse que “alguns dos colonos usavam máscaras no estilo da Ku Klux Klan”.

RETIRADO DA AMBULÂNCIA

Uma outra testemunha que pediu para ficar anônima disse ao New York Times que “soldados viram a agressão sem que nenhum deles intervisse. Quando ele foi retirado, vimos sangue espalhado pelo chão onde ele foi agredido”.

Também foi declarado por pessoas presentes à cena que Ballal, no momento em que foi retirado da ambulância, tinha escoriações e sangue na roupa.

“Eram cerca de 20 os colonos que atacaram a aldeia de Hamdan Ballal”, disse seu colega palestino na direção do filme, Basel Adra. “Os soldados que chegavam apontavam suas armas na direção dos palestinos e não dos colonos atacantes”, disse Adra.

Em entrevista filmada pouco depois de sua soltura, Hamdan Ballal disse, ao lado do outro diretor, Basel Adra, que “após receber o Oscar, a perseguição, em vez de arrefecer, aumentou”, até chegar ao espancamento e tortura.

MARK RUFALO

O conhecido ator Mark Ruffalo se pronunciou de imediato, dizendo que “o sequestro de Hamdan Ballal não foi um acidente”.

“Agredir e prender o cineasta, matar jornalistas, faz parte de um ataque planejado de erradicação da arte e cultura de um povo”, diz o ator Mark Ruffalo (popline)

“Ninguém pode, independente da opinião geral sobre o conflito, deixar de entender que este é um ataque à nossa amada arte na forma de cinematografia”.

“Hamdan Ballal é um preso político e este é um caso internacional de violação de direitos humanos”, ainda antes do cineasta ser liberado.

“Muitos de nós não nos surpreendemos com este comportamento por parte destes colonos sem lei e do exército de Israel neste ponto da situação. Matar jornalistas, sequestrar cineastas não é acidente, mas um projeto pela erradicação de um povo e sua cultura. Liberdade para Ballal!”, finalizou Ruffalo.

O deputado e ex-dirigente do Partido Trabalhista inglês, Jeremy Corbyn, escreveu: “O filme ‘Sem Chão’ expõe a horrível violência contra os palestinos na Cisjordânia que segue sob um prolongado apartheid. O codiretor do filme foi espancado em sua casa antes de ser detido pelas forças israelenses. Não se pode silenciar a respeito”.

Protestos se espalham nos EUA contra privatização dos Correios



Em Nova Iorque, faixas e cartazes repudiaram Trump, Musk e defenderam os Correios

"Falha colossal" no aeroporto de Londres deixou 300 mil passageiros sem voo

Somente neste sábado (22) as operações voltaram ao normal depois de um dia de interrupção das atividades no aeroporto de Heathrow, como é chamado o maior da Europa.

O incêndio fez com que 1.350 voos fossem suspensos e 300.000 passageiros tivessem suas viagens interrompidas. Também não puderam descer em Heathrow 120 aviões cujos voos foram desviados para outros aeroportos ingleses e até de outros países europeus.

Um incêndio em uma central elétrica que abastece a região do aeroporto, causou "falha colossal", como diz o jornal inglês The Guardian, espalhando "caos e raiva".

Os jornalistas ingleses destacam a "fragilidade do Reino Unido" (revista iWeekend) e questionam as autoridades sobre como o maior aeroporto da Europa pode "atuar sem retaguarda" (The Daily Telegraph).

O governo inglês respondeu, em um primeiro momento, de forma evasiva ao desastre dizendo que "há questões a serem respondidas".

A Associação Internacional de Transporte Aéreo (Iata, sigla em inglês) expediu declaração denunciando que "é mais um caso do Heathrow decepcionando passageiros e companhias". Na mesma direção, Willie Walsh, diretor geral da Iata, acrescentou: "Como é possível que uma infraestrutura crítica seja totalmente dependente e uma única fonte de força sem uma alternativa? Se este é o caso, trata-se de uma clara falha de planejamento pelo aeroporto".

David Omand, ex-chefe do Departamento Governamental de Comu-

nicação, disse à BBC que "dada a importância de Heathrow, eu fico surpreso de que todo um aeroporto seja fechado por um dia inteiro".

"O que eu quero dizer", acrescentou, "que é possível acontecer um transtorno enquanto se faz a troca para um sistema alternativo, mas um fracasso no período de um dia – e, quem sabe, outros transtornos possam ocorrer, é embaraço nacional. Não deveria ter acontecido".

No entanto, em meio às críticas ao desastre, a secretária dos transportes do governo inglês ainda teve o desprazer de minimizar a grave ocorrência, falando platitudes tais como o "acidente de sexta-feira foi uma situação sem precedentes" e "totalmente fora do controle do aeroporto de Heathrow".

Donald Trump baixa ordem executiva para desmontar o Departamento da Educação

O presidente Donald Trump anunciou na quinta-feira (20) que tomou medidas pelo fechamento do Departamento de Educação (DOE) dos Estados Unidos, sob a alegação que não está fazendo "nada de bom" e que "é um desperdício e poluído pela ideologia neoliberal". A seu lado, aplausos e risos de Elon Musk, chefe do Departamento de Eficiência Governamental. "Minha administração tomará todas as medidas legais para fechar o departamento. Vamos fechá-lo o mais rápido possível. Não está nos fazendo bem", assinalou Trump, escancarando que quer cortar ainda mais a força de trabalho do departamento, que já foi reduzida pela metade desde que assumiu o cargo. Sem rodeios, deixou claro que está em risco o destino do financiamento da educação pública, o trabalho, as proteções de direitos civis e o auxílio financeiro para estudantes. A partir de agora, disse, "queremos devolver nossos alunos aos Estados".

Como é do Congresso a autoridade máxima para executar a medida, a reação foi imediata, com pais e estudantes protestando contra o desmantelamento do estratégico organismo. Em Washington, em frente ao Departamento, estudantes se concentraram pela manhã desta sexta-feira (21) e, sentados em suas carteiras, fizeram a lição de casa com uma faixa denunciando que "Trump está roubando das crianças". Uma manifestação está somando várias organizações contra o atropelo aos direitos dos americanos ao estudo.

Conforme denunciou a estudante Stella Lovelady, "é devastador" o que o governo está fazendo: "Meus pais são professores. Minha irmã é uma estudante do ensino médio. Eu sou uma estudante em uma universidade pública. O Departamento de Educação é crucial para minha família".

Apesar da enorme reação negativa, a Casa Branca pediu tempo e calma, alegando que os empréstimos estudantis e as bolsas continuarão, e que o financiamento para escolas de baixa renda sob a Lei de Educação para Deficientes não serão afetados. Pais e estudantes reiteraram que as palavras de Trump não valem nada diante das medidas que têm adotado.

Condenando o descaminho adotado pelo magnata, Deirdre Schifeling, diretora política e de advocacia da União Americana pelas Liberdades Cívicas, emitiu uma declaração reiterando que há uma lei e que deve ser cumprida. "Mais uma vez, o presidente Trump está abusando de seu poder e colocando os direitos civis fundamentais de milhões de estudantes em grave risco – ameaçando tudo, desde a igualdade racial e de gênero até os direitos de estudantes com deficiência. Nenhum presidente tem autoridade para, sozinho, tirar os direitos das crianças nas escolas americanas. Este ataque ao Departamento de Educação é um ataque aos direitos civis e liberdades dos estudantes que definiram sua missão por décadas", apontou.

Schifeling esclareceu que o "Departamento de Educação tem o dever imposto pelo Congresso de garantir a melhor educação para todas as nossas crianças" e que "como parte dessa responsabilidade deve garantir que os alunos com deficiência possam aprender e prosperar ao lado de seus colegas, que a equidade educacional seja mantida para crianças de todas as raças, que a liberdade religiosa seja protegida e que a proteção contra a discriminação baseada no sexo, incluindo contra alunos LGBTQ, continue sendo uma prioridade nas escolas em todo o país". "Mas o presidente Trump se recusa a aceitar esse mandato. Em vez disso, ele está tentando contornar o Congresso para desmantelar o próprio Departamento de Educação – minando sua capacidade de salvaguardar essas proteções críticas e armando o departamento para executar uma agenda política profundamente impopular", concluiu.

Manifestações na Turquia exigem libertação de prefeito da oposição preso por Erdogan

Na maior onda de protestos na Turquia em quase uma década, manifestantes estão nas ruas desde quarta-feira para exigir a libertação do prefeito da maior cidade do país, Istambul, Ekrem Imamoglu, preso sob acusação de corrupção e ligação com "terroristas" da minoria curda, e que é do opositor Partido Republicano do Povo (CHP, nas iniciais em turco).

No domingo, um tribunal transformou a detenção de Imamoglu em prisão preventiva e ele foi provisoriamente afastado das funções de prefeito. Ele e quase uma centena de acusados de "fraude em licitações" e de "propinas" foram submetidos a interrogatório. Os promotores anunciaram que vão apelar da decisão do tribunal contrário ao caso de "terrorismo". O CHP realizou primárias neste do-

mingo para oficializar a pré-candidatura a presidente de Imamoglu, o que é tido como real razão para sua prisão. As eleições estão marcadas para 2028, mas como Erdogan já está completando seu segundo mandato, para continuar no poder ele teria de mudar a constituição ou convocar eleições antecipadas.

Em paralelo, e reforçando essa denúncia, Imamoglu teve seu diploma superior cassado na véspera, terça-feira, pela Universidade em que se formou, quesito obrigatório, pela lei turca, para que possa se candidatar a presidente.

Eleito em 2019 em uma eleição que chegou a ser contestada pelo governo turco, reeleito no ano passado, Imamoglu se tornou a principal figura da oposição e é visto como o único capaz de derrotar o presidente Recep Erdogan

Leia mais no site

Jeanette, ativista contra as deportações em massa de imigrantes nos EUA

Gestapo de Trump prende Jeanette Vizguerra, a imigrante símbolo da luta contra as deportações

A imigrante mexicana Jeanette Vizguerra, que se tornou símbolo da resistência às deportações no primeiro mandato de Trump ao viver em igrejas por três anos, foi seqüestrada de seu trabalho na segunda-feira (17) em Denver, em uma incursão da milícia antiimigrantes de Trump, denunciaram entidades de defesa dos imigrantes e familiares.

A prisão de Vizguerra gerou protestos em frente ao centro de processamento do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE) em Aurora, Colorado, para onde foi levada. "Esperamos que o ICE trabalhe com o advogado dela para libertá-la imediatamente", disse a família em uma declaração do Comitê de Serviço de Amigos Americanos.

E comemorações nas hostes trumpistas. "Finalmente pegamos você", deleitou-se no X um ex-chefe de campo do ICE, dando vazão à sua xenofobia para com uma mãe de quatro filhos, de 53 anos de idade.

No primeiro governo de Trump, para evitar a deportação Vizguerra se refugiou em igrejas no Colorado e acabou incluída pela revista Time em sua lista de 2017 das pessoas mais influentes

do mundo.

Jordan Garcia, do Comitê de Serviço de Amigos Americanos, pró-imigrantes, disse que ela estava no intervalo da loja onde trabalhava perto de Denver quando agentes de imigração a detiveram.

A história de Vizguerra é semelhante a de tantos outros indocumentados nos EUA. Ela cruzou a fronteira em 1997 ilegalmente, encontrou trabalho como faxineira e zeladora em Denver e teve três filhos nos Estados Unidos, todos cidadãos mexicanos, de acordo com documentos judiciais.

Enfrentou a primeira deportação em 2009, no governo Obama, após ser detida em um subúrbio de Denver quando foi descoberto que ela tinha um cartão de Previdência Social fraudulento com seu nome e data de nascimento, mas o número real de outra pessoa, de acordo com um processo de 2019 que ela abriu contra o ICE.

De acordo com o processo, Vizguerra não sabia na época que o número pertenc-

cia a outra pessoa. Foi acusada de roubo de identidade, um delito menor, se declarou culpada e foi condenada a 21 dias de prisão.

Posteriormente, ela contestou e apelou durante anos do processo de deportação a que fora submetida. Em 2017, já sob Trump, ela começou a viver em igrejas para evitar a deportação. Em 2021, o governo Biden concedeu a ela um adiamento de deportação de um ano. Desde então, segundo Jordan Garcia, Vizguerra tentava obter um visto concedido a vítimas de crimes que lhes permitisse permanecer nos Estados Unidos.

"Uma mãe da classe trabalhadora que dedicou sua vida a ajudar outros imigrantes indocumentados" foi presa, afirmou o prefeito de Denver, Mike Johnston, condenando a repressão de Trump aos imigrantes, depois de ter feito deles bodes expiatórios em sua campanha de reeleição. Para o senador Michael Bennet, democrata do Colorado, Vizguerra é um "pilar de sua comunidade".

De Norte a Sul dos Estados Unidos, manifestantes condenaram o acordo assinado pelo "Departamento de Eficiência Governamental" de Musk para cortar investimentos e desmantelar o Serviço Postal público

Milhares de trabalhadores e aposentados dos Correios se uniram nesta quinta-feira (20) de norte a sul dos Estados Unidos para condenar o acordo assinado pelo "Departamento de Eficiência Governamental" (Doge) – controlado por Elon Musk – para cortar investimentos e financiamento de pensões, desmantelar este serviço público estratégico e altamente rentável, e dar carta branca à privatização e aos valores abusivos de tarifas.

O estudo de um banco de investimento, divulgado recentemente pela Wells Fargo Securities, aponta que a privatização do Serviço Postal dos EUA (USPS) renderia de imediato US\$ 81 bilhões (R\$ 464 bilhões), apenas com a venda de prédios e terrenos da instituição. "O USPS possui aproximadamente 8.500 instalações", incluindo 7.200 agências de correio e 1.300 centros de triagem maiores", apontou a análise. Mas o melhor para quem se apropriasse dos Correios seria deixar a população completamente dependente da imposição de tarifas abusivas e sem qualquer controle. Desde já, o estudo projeta um aumento de 30% a 140% nos preços de postagem de encomendas.

Convocado pelo Sindicato dos Trabalhadores Postais Americanos (American Postal Workers Union – APWU), que abrange funcionários e trabalhadores dos centros de triagem e distribuição, o protesto mobilizou dezenas de locais como Chicago, Dallas, Texas, e várias centenas no sul de Manhattan. Na oportunidade, foi distribuído o manifesto "Por um movimento de base para salvar os Correios e se opor à ditadura", clamando os mais de 640 mil sindicalizados a se unificarem contra o desmonte.

"Tempos extraordinários exigem medidas extraordinárias. A única maneira de salvar os Correios – e a democracia americana – é por meio da mobilização em massa da classe trabalhadora. A classe trabalhadora é a força mais poderosa da Terra. Se ao menos soubermos como usar esse poder, poderíamos derrotar os ataques de Trump e seu punhado de oligarcas e direitistas", ressaltou o documento.

O que Trump está fazendo "é horrível", declarou um funcionário aposentado dos correios na cidade de Nova Iorque, para quem "tudo deve ser feito para afastar o presidente". Condenando o

"As comunidades podem contar com seu carteiro", sublinhou Renfroe, enfatizando que a categoria "está lutando contra o inferno e contra qualquer tipo de privatização". "Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para garantir que continuemos mantendo nosso serviço universal, do qual os americanos dependem por meio de um Serviço Postal forte e público", concluiu.



Serviço Postal público dos Estados Unidos em ação

Já passa da hora do mundo enterrar o neoliberalismo (2)

O mundo vai gradativamente deixando de ser unipolar, ou seja, se afasta de uma situação onde só uma grande potência pretendia mandar no mundo, e se aproxima cada vez mais de uma situação em que o polo anti-imperialista cresce e se impõe diante dessa potência

SÉRGIO CRUZ (*)

Os dogmas do neoliberalismo impostos ao mundo permitiram uma intensa financeirização da economia e aumentou sobremaneira o parasitismo econômico. O mundo financeiro se sobrepôs e estrangulou o mundo da produção.

A imaginação dos operadores financeiros a serviço dos bancos não teve limites. Foram criados “produtos financeiros” dos mais variados tipos (os derivativos), totalmente desvinculados da economia real, com o objetivo de multiplicar o capital fictício e promover o enriquecimento dos portadores de títulos, ações e obrigações.

Segundo dados do Banco de Compensações Internacionais (BIS), o total de recursos aplicados atualmente nesses derivativos e outros papéis em todos os países superou a marca de US\$ 700 trilhões (dados de 2023). Considerando-se as estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o PIB global da ordem de US\$ 110 trilhões, percebe-se claramente o nível de alavancagem de tal volume de aplicações financeiras puramente especulativas.

CRISE DO SUB PRIME

Em 2008, com a crise do “sub prime” que se iniciara um ano antes, e com a quebra do Lehman Brothers nos EUA, a economia americana e depois a europeia, movidas por “bolhas” artificiais, totalmente descoladas da produção, entraram em colapso. Os bancos, abarrotados de papéis podres, só não quebraram por conta de ajudas trilionárias feitas pelos Bancos Centrais dos principais países atingidos, entre eles, e centralmente, os EUA.

A queda da produtividade do trabalho no centro do império, fruto do intenso parasitismo dos monopólios, e a redução dos lucros levaram-nos [os monopólios] a optarem pela deslocação da produção com o envio de empresas dos EUA para a Ásia (China e tigres asiáticos) e alguns países das Américas, como o México (fábricas conhecidas como maquiladoras). Centenas de grandes fábricas deixaram os EUA.

A China, atuando de forma soberana, já sob o comando de Deng Xiaoping, soube se aproveitar dessa situação para desenvolver a sua capacidade produtiva. Acolheu muitas dessas empresas sob condições vantajosas à China, avançou tecnologicamente, se desenvolveu e se utilizou da geopolítica americana, que se concentrava em tentar isolar a Rússia, para ampliar sua presença no mercado mundial e, inclusive, no mercado americano.

CHINA AVANÇA POR DENTRO

Este caminho seguido pela China foi, e está sendo, uma experiência nova no mundo e um desafio para a ciência marxista. Uma experiência em que o socialismo está conseguindo derrotar o capitalismo por dentro e avança aceleradamente no desenvolvimento de suas forças produtivas.



No período anterior havia sido “bloco contra bloco”, e o capital financeiro e as grandes potências lograram cercar o campo socialista, principalmente após a traição krushoviana ao novo regime. Agora, a China, agindo por dentro do sistema, passou a ser a grande fábrica do mundo e avança na construção do socialismo.

Marco Rubio, secretário de Estado americano, externou essa avaliação sobre o desenvolvimento da China em uma audiência do Comitê de Relações Exteriores do Senado em 2022: “Não sabemos há 25 anos; os Estados Unidos viviam em um mundo unipolar, onde éramos o único show na cidade. Agora, há pelo menos um adversário sem precedentes”, disse Rubio.

“O Partido Comunista Chinês é um desafio para os EUA, maior até do que a União Soviética, porque eles são um rival comercial, um rival tecnológico, um rival geopolítico, um rival diplomático e econômico e comercial. E além de tudo isso, eles também são uma ameaça militar para o país, à medida que continuam a se desenvolver”, acrescentou o auxiliar de Trump.

A CRISE DO NEOLIBERALISMO

Desde a crise de 2007/9, agravada pela pandemia de covid-19, o mundo se deu conta da situação de grave decadência da economia dos Estados Unidos. A partir daí a economia e a política mundiais experimentam um período de forte instabilidade e grandes transformações, com a desestruturação das cadeias globais de bens e serviços e um processo acelerado de “desglobalização” e retorno de práticas protecionistas.

Na verdade, o que está ocorrendo é que a globalização financeira imposta ao mundo pelos EUA começou a se desfazer aos olhos de todos. A Casa Branca já não consegue impor ao mundo tudo o que pretende, como fazia antes. A geopolítica atual se caracteriza por uma fase de perda relativa da hegemonia dos EUA e pela ascensão da China socialista e seus aliados.

O mundo vai gradativamente deixando de ser unipolar, ou seja, se afasta de uma situação onde só uma grande potência pretendia mandar no mundo, e se aproxima cada vez mais de uma situação em que o polo anti-imperialista cresce e se impõe diante dessa potência. É o que se costuma chamar de um mundo multipolar. Para os marxistas, esta é uma mudança, um salto de qualidade, na correlação de forças.

O SOCIALISMO CHINÊS

Acossada pelo socialismo chinês e pelo anti-imperialis-



Acima, Siderúrgica de Volta Redonda, no Brasil, é fundada em 1941 e inicia operações em 1946 (Divulgação). Ao lado, crise e pânico no centro do império financeiro

diversos países e povos, apesar de representarem um tensionamento da conjuntura mundial, não expressam força, mas sim a fraqueza do império. Apenas com o “porrete trumpiano”, os EUA estão enfraquecendo e não fortalecendo o seu domínio.

O novo ocupante da Casa Branca sabe que está fraco para enfrentar simultaneamente a Rússia, a China e o Sul Global. Por isso abandona a Europa à própria sorte, depois de submetê-la, e procura uma paz em separado com a Rússia. Seu plano é se concentrar na luta direta para barrar o avanço da China socialista.

DECADÊNCIA DO IMPÉRIO

A adesão incondicional da Europa aos excessos do modelo neoliberal liderado por Washington vem contribuindo decisivamente para o seu declínio. Tudo indica que a política de Trump aumentará as contradições dos EUA com a Europa e o resto do mundo.

Em suma, o que caracteriza a Humanidade de hoje é a crise do imperialismo e o avanço do campo anti-imperialista liderado pela China socialista. Uma situação clara de crise das classes dominantes, onde o centro do império se debate para recuperar a hegemonia perdida. Numa situação como esta, em que pese os perigos que surgem, abrem-se largos espaços para mudanças progressistas em diversos países do mundo.

Como disseram Xi Jinping e Vladimir Putin, o mundo está vivendo um tempo de grandes transformações, onde semanas parecem décadas. Os fatos indicam que a Humanidade progressista está saindo do longo período da defensiva estratégica. Podemos estar entrando numa nova fase de ofensiva, onde a união dos povos e a luta contra o imperialismo se fortalece e pode mudar a correlação de forças em todo o planeta a favor da revolução. Os comunistas de todo o mundo e os demais patriotas devem estar atentos a todas essas mudanças.

(*) Sérgio Cruz é redator especial da Hora do Povo, membro do Comitê Central do PCdoB e pesquisador do Núcleo do Novo Ciclo de Desenvolvimento Social da Fundação Maurício Grabois

mo russo e sem capacidade de seguir explorando os países do Sul Global – ou seja, a grande maioria do mundo – como antes, a oligarquia financeira lança mão – mais uma vez – do fascismo para, primeiro, tentar barrar o avanço inofensível do socialismo e, segundo, tentar impor à força o seu falido modelo neoliberal aos trabalhadores e aos povos do mundo.

O crescimento da resistência do Sul Global a essa “ofensiva” do capital financeiro – que se utiliza do fascismo para tentar impedir o seu declínio – é a marca registrada do momento atual. Esta resistência está se dando de forma intensa e na grande maioria dos países do mundo, liderados pela China socialista e pela Rússia anti-imperialista.

O que mais simboliza este novo período foram os discursos de Putin em 2007 e agora o de J. D. Vance na Conferência de Segurança da Europa, realizadas em Munique. Se o discurso de Putin representou o primeiro desafio ao domínio americano e à imposição de uma ordem internacional baseada nas regras do império, o discurso de Vance, em 2025, veio reconhecer o fim do projeto exaurido e fantasioso da primazia global norte-americana.

FORTELECIMENTO DO BRICS

Também o fortalecimento e a ampliação do BRICS (grupo formado inicialmente pelo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) é um sinal do avanço para a multipolaridade. O BRICS ganha cada vez mais adeptos e, somado à Organização de Cooperação de Xangai (SCO), à União Econômica Euroasiática e a outras organizações, se contrapõe objetivamente às pretensões do império decadente.

O BRICS tem no horizonte a substituição do dólar como moeda de referência internacional. Trump pretende mantê-la a todo custo, apesar de seu anunciado protecionismo. Esta intenção de Trump agudizará

intensamente as contradições entre os EUA e o resto do mundo.

O G7 já está atrás dos BRICS em várias segmentos. O grupo já ultrapassou o G7 em participação no PIB mundial e em população. Eles já são 36% do PIB global em paridade de poder de compra, superando os 29,3% do G7 e os 14,5% da UE. O crescimento previsto do BRICS em 2024 é de 4%, contra 1,7% do G7.

Outro fenômeno que caracteriza bem este momento é a aliança estratégica e “sem limites” estabelecida entre a China socialista e a Rússia anti-imperialista. Esta é a união entre a maior potência industrial atual (e pelos critérios do FMI, também a maior economia mundial) e uma potência militar que está derrotando sozinho no campo de batalha – com seu armamento convencional – as tropas hegemônicas pelos EUA e treinadas e municionadas pelo seu braço europeu, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

GLOBALIZAÇÃO PRODUTIVA

A China socialista está oferecendo ao mundo um novo modelo de relacionamento entre os países. Um modelo completamente diferente da globalização financeira que foi imposta pelos EUA e que asfixiou a economia da grande maioria das nações. O que a China está oferecendo ao mundo é a globalização produtiva onde todos ganham e todos podem se desenvolver. É a chamada cooperação ganha-ganha.

O Brasil se vê na contingência, e vem cumprindo-a, de fortalecer todas essas iniciativas e se dedicar à promoção da unidade da América Latina e do Caribe. Para isso, é fundamental o fortalecimento do Mercosul e da Celac (Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos). Esta será a melhor forma do Brasil se inserir de forma soberana no cenário internacional e avançar em sua libertação e no desenvolvimento

de suas forças produtivas.

A China pode dar uma grande ajuda ao mundo também porque está vencendo a guerra tecnológica travada com os EUA. Apesar de todo o cerco e sanções tentados pelo império, os chineses hoje dominam 57 das 64 tecnologias críticas ou disruptivas da atualidade e já estão na frente dos EUA em várias dessas tecnologias, segundo estudo feito em agosto de 2024 pelo Australian Strategic Policy Institute.

Este mesmo estudo, que foi citado na Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, realizada recentemente em Pequim, mostra que, entre 2003 e 2007, os EUA lideravam em 60 das 64 tecnologias. A China liderava em apenas 3. Entre 2019 e 2023: os EUA lideram em apenas 7, enquanto a China liderou em 57 – incluindo fabricação de chips semicondutores, sensores gravitacionais, computação de alto desempenho, sensores quânticos e tecnologia de lançamento espacial. O gigante asiático registou em 2022, 1,58 milhões de patentes, quase metade dos pedidos globais, mais do triplo das registradas pelos EUA.

FIM DO MONOPÓLIO TECNOLÓGICO

A quebra do monopólio tecnológico americano, como ocorreu recentemente, pela empresa chinesa DeepSeek, de Inteligência Artificial, derrotando os monopólios do Vale do Silício, é um sintoma desses novos tempos. O “código aberto” os chineses atinge mortalmente os “segredos” bilionários dos monopólios americanos. O avanço da China no campo tecnológico estimula outros países e permite que eles se associem em cooperações para se desenvolverem e deixarem de ser explorados.

A eleição de Donald Trump, um magnata inescrupuloso, fascista, corrupto e xenófobo expressa bem o grau da decadência e degeneração a que chegou o império americano. Suas ameaças e arroubos contra